



UM MEXU DO BRASIL

SEGUNDA EDIÇÃO
REVISADA E AMPLIADA

Um Exu do Brasil

José da Kalunga
João de Angola



2ª Edição



Copyright da Edição © Amplla Editora

Copyright do Texto © Os autores

Editor Chefe: Leonardo Tavares

Ilustrações: Luã Tachibana

Revisão: Os autores

2ª Edição: Revisada e ampliada

Um Exu do Brasil está licenciado sob CC BY-NC 4.0.



Essa licença permite que outros remixem, adaptem e desenvolvam seu trabalho para fins não comerciais e, embora os novos trabalhos devam ser creditados e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não precisam licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos. O conteúdo da obra e sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores e não representam a posição oficial da Amplla Editora.

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

K14e

Kalunga, José da

Um Exu do Brasil / José da Kalunga, João de Angola. – 2. ed. – Campina Grande/PB: Amplla, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5381-339-7

DOI 10.51859/amplla.ueb397.1226-0

1. Exu (entidade de Umbanda). 2. Entidades afro-brasileiras. 3. História. I. Kalunga, José da. II. Angola, João de. III. Título.

CDD 299.712

Índice para catálogo sistemático

I. Exu (entidade de Umbanda)

Acredite: tudo de mal que tentarem lhe fazer, usando até mesmo um “Bode Preto” em uma bandeja de prata, ou outro “despacho” ou “trabalho” rebuscado, pode ser desmanchado com uma única vela branca.

Para todos os irmãos espiritualistas. Que aprendamos cada vez mais carregar nossos corações de amor.

Agradecimentos da Segunda Edição

Sendo repetitivo: a todos que auxiliaram em qualquer modo nessa publicação da segunda edição, bem como aos leitores da obra, sem os quais ela não teria sentido.

Aos leitores da primeira edição, pois foram importantes incentivadores dessa segunda edição. Nesse sentido, agradecimentos em especial ao Pedro que tanto insistiu com Seu Sete para ele contar a sua história, que está em um capítulo próprio nessa segunda edição.

À Eli e ao Júlio que amorosamente fizeram o Prefácio desta Segunda edição.

À Jacke e ao Jorge, à Eli e ao Júlio, que revisaram o texto desta segunda edição. Bem como à Karine pela criteriosa revisão de língua portuguesa.

À Deus-Pai, nosso Pai Oxalá, que nos permitiu chegar nessa nova edição.

Agradecimentos da Primeira Edição

À todos que auxiliaram em qualquer modo nessa publicação, bem como ao leitores da obra, sem os quais ela não teria sentido.

À Jacke e o Jorge que amorosamente fizeram o Prefácio dessa edição.

Ao Luã pelas ilustrações.

À Mylene pelo auxílio na revisão crítica do texto.

Prefácio da Segunda Edição

(de setembro de 2025)

Prezado Leitor,

Ao sermos convidados a escrever este prefácio sentimos uma honra imensurável, entretanto, também percebemos a responsabilidade que se encontrava atrelada a essa alegria. Haja vista, que este livro “derruba”, ou ao menos, faz “estremecer” diversos preconceitos e estereótipos que nos deparamos diante da palavra EXU!

Nós mesmos, antes de conhecermos o nosso querido Seu Zé, tínhamos a ideia de que os Exus seriam servidores do mal, vingativos e cruéis, literalmente a imagem do demônio! Ideias erradas, distorcidas e alimentadas pela nossa ignorância e desconhecimento.

Tivemos (ou melhor, temos) o privilégio de poder participar das reuniões em que podemos aprender essa e muitas outras lições e ensinamentos do Seu Zé e demais entidades e, por isso, a importância dessa obra ao oportunizar a mais pessoas o acesso a tudo isso!

Nessas páginas de luz e sabedoria, podemos experimentar muitas emoções: desde a dor nos momentos de sofrimento até mesmo a alegria nos momentos de redenção e de superação. Sentimentos legítimos e genuínos, pois não podemos nos esquecer que tais acontecimentos fizeram parte das diversas existências de nossos queridos irmãos espirituais.

Se a Primeira Edição já foi maravilhosa, esta Segunda Edição, revisada e atualizada, se apresenta mais enriquecedora ainda, trazendo

assuntos provenientes, muitas vezes, dos questionamentos que surgem nas deliciosas conversas que temos nas reuniões.

Ao lermos esses novos capítulos (não querendo dar *spoilers*, mas temos a colaboração de mais Entidades) relatos emocionantes que nos elucidam assuntos muitas vezes tidos como polêmicos e inquietantes! Mas paramos por aqui, pois queremos que vocês fiquem realmente com vontade de ler esses novos excertos de sabedoria.

Assim, meus irmãos de fé, queridos companheiros desta caminhada terrena, leiam, emocionem-se e, principalmente, aprendam as lições enriquecedoras apresentadas nesta obra maravilhosa que temos o prazer de lhes apresentar!

Eli e Júlio

Prefácio da Primeira Edição

(de agosto de 2024)

Caros irmãos.

Este livro conta a história de uma entidade trabalhadora da luz e transcreve sua história desde o período em que estava imersa em ilusões, até se tornar o ser que é hoje: um Exu.

Uma história emocionante de um filho de Deus que havia se perdido e que conheceu a verdade na energia mais pura, o amor incondicional. Se reencontrando e também o caminho para a casa do Pai Maior.

A cada capítulo, a narrativa detalha aspectos de sua vida e também a relação do personagem principal com outras entidades da Umbanda, principalmente as entidades da esquerda, destacando a seriedade, a força e a luz de seus trabalhos, desfazendo preconceitos antigos difusos no imaginário popular.

Há um forte estigma sobre a palavra Exu e seu significado. Muitas variantes relacionam Exu a entidades maléficas, o que está muito distante do real significado da palavra e das entidades que as define.

Senhor Umulu, Rei da Calunga, ou simplesmente Seu Zé, como gosta de ser chamado, nos apresenta uma Umbanda acolhedora, amorosa, que recebe a todos que buscam alívio para suas dores da alma. Seu Zé compartilha a verdade com suas palavras simples e diretas e seus conselhos estão distribuídos pelo livro todo.

Para não tornar a leitura muito densa são utilizadas notas explicativas após o texto de cada capítulo. Buscando tornar a leitura mais direta, sem tantos “parênteses” explicativos e quebras ou pausas no raciocínio.

Não se trata de texto técnico ou mesmo que visa explorar exaustivamente o tema Exu, mas apenas contar a história de um deles: Exu Umulu.

Você, caro irmão ou irmã aprendiz do amor fraterno, fique atento aos sábios ensinamentos ofertados neste livro e faça uma boa viagem evolutiva!

Jacke e Jorge

Prólogo da Segunda Edição

Caros irmãos.

Essa obra é um livro de ficção espírita.

Essa segunda edição começou tão logo a primeira edição saiu da impressão. Além disso, alguns irmãos que leram a primeira edição fizeram perguntas e deram sugestões.

Tenta-se assim, aqui atender a essas sugestões, lembrando que a Umbanda aqui descrita não é simplesmente a aceitação de regras ou dogmas, mas a compreensão dos preceitos e conceitos que a espiritualidade superior nos apresenta.

Assim essa nova edição teve seu texto revisado e novos capítulos e novas notas adicionados.

Essa edição traz também um capítulo com a contribuição do amoroso Pai João de Angola. Além desse há um novo capítulo escrito pelo Exu das Sete Encruzilhadas, contando a história que deu origem ao seu nome.

Estudar constantemente visando um maior entendimento, atualização e melhor compreensão sobre a espiritualidade é muito importante.

Esperamos, sincera e humildemente, que a leitura possa contribuir em algum modo com os estudos de cada leitor.

Prólogo da Primeira Edição

Escrito em primeira pessoa em muitos trechos, com linguagem simples e direta, típica dos Exus da Umbanda, esse texto conta a história de Exu Umulu, uma das tantas entidades desse tipo, as quais compartilham muito de sua história em comum.

Pela forma como foi escrito, as pessoas que leram a versão pré-impressão final, de forma unânime, disseram que parecia o próprio Seu Zé falando...

Sumário

Capítulo 1 - Meu nome é Umulu	15
Capítulo 2 - Ainda na carne	19
Capítulo 3 - Redenção.....	26
Nota: O Livre arbítrio e o Exu das Sete Encruzilhadas.....	32
Capítulo 4 - Início de outro reinício	36
Capítulo 5 - A missão de médiuns encarnados na Umbanda....	40
Nota: Mediunidade é dom ou castigo.....	43
Capítulo 6 - Surgem os Exus	44
Capítulo 7 - Exu Umulu, Rei da Kalunga	47
Nota: Pombas-gira não são Exus Mulheres.....	50
Nota: Esquerda e Direita	51
Capítulo 8 - Exu Caveira	53
Nota: Oferendas	56
Nota: Obsessores e Cobradores	59
Nota: Suicidas	62
Nota: O comércio	65
Capítulo 9 - O Umbral.....	67
Capítulo 10 - Novo Relato do Exu das Sete Encruzilhadas.....	74
Nota - Seu Sete encontra Seu Zé.....	81
Capítulo 11 - Somos Todos Iguais	84
Nota: Tatuagens	86
Nota: doação de órgãos e cremação.....	87
Capítulo 12 - E nossos amados Pretos-Velhos	89
12.1 - E fez-se a Luz	90
12.2 - Pais-Velhos	93
12.3 - Dói, dói muito.....	94
12.4 - No Brasil	95
12.5 - Ensinaamentos de Pretos-Velhos	99
12.6 - Fecham-se os parênteses.....	101
Capítulo 13 - Relato de Pai Estevão	102
Capítulo 14 - Encerramento	106

Capítulo 1 - Meu nome é Umulu

Hoje me chamo, ou sou chamado, de Umulu. De uma linha, ou faixa vibratória da Umbanda, chamada Exu. Assim sou o Exu Umulu. E como tantos irmãos Exus que fazem parte dessa linha, tenho uma longa história, a qual conto aqui.

Começemos explicando que a Umbanda é muito tolerante, assim há inúmeras variações em sua prática e comumente está conciliada com outros ritos, como os do Candomblé (Umbanda Omoloko, por exemplo) ou ainda com outros ritos espiritualistas.

Salienta-se que todas as práticas de fé e seus ritos devem ser respeitadas.

Assim, devo esclarecer que escreverei aqui por uma ótica de uma Umbanda que vem de muito tempo atrás, de seus primórdios, chamada por alguns de Umbanda Branca ou mesmo Umbanda Antiga, sem ritos com Orixás ou mesmo oferendas com animais, plantas ou alimentos. Essa linha de umbanda não aceita pagamento algum pelos seus trabalhos, não faz “amarrações” ou qualquer outra coisa que possa prejudicar ao próximo.

Importante salientar ainda que há forte, e abençoada, herança de elementos africanos e indígenas na Umbanda Antiga. O termo “branca” se refere aos ritos mais esotéricos, minimalistas, sem o uso de velas coloridas, ou a oferenda de alimentos ou ainda sacrifícios, por exemplo.

Essa Umbanda é praticada por Amor no que fazemos, na Fé que temos na espiritualidade maior e em Deus, além da Fraternidade, pois somos todos irmãos, iguais perante Deus e pregamos a prática da Caridade, num lema: Amor, Fé, Fraternidade e Caridade. Esse tipo de Umbanda, minimalista em seus rituais, comumente, é praticada em reuniões de pequenos grupos, quase familiares e não envolve pagamentos de qualquer tipo.

Ao fazer isso, seguir nesta linha de umbanda, na presente descrição, deve ficar claro que não há demérito ou crítica para nenhuma outra linha de Umbanda, outra prática espiritualista ou mesmo religião. O texto é respeitoso com todas as manifestações de fé.

Nesse sentido, de muitas linhas, muitos ritos e diferentes práticas, é muito comum a confusão de meu nome com o de um Orixá presente em várias nações de Candomblé, também chamado de Omolu, Omulum, Umulu, Humolu, ou ainda outras variações na grafia. Também, ainda no Candomblé, Exu é um Orixá, bem como Humulú é outro. Na Umbanda, o nome Exu se refere a uma linha de entidades que praticam o bem e não toleram o mal em modo algum. Apesar de terem o mesmo nome, são entidades diferentes em ritos diferentes.

Porém, o importante não é grafia de meu nome, mas a história que estou começando a contar aqui e que pode ser adaptada e interpretada conforme outros ritos de fé.

Na Umbanda, os Exus trabalham de modo hierarquizado, mas não porque algum Exu seja “mais forte” ou “melhor” do que qualquer outro. Nós Exus somos todos irmãos, iguais entre si, mas respeitamos

muito o tempo de experiência de cada um, o aprendizado obtido ao longo das vivências de cada um. Os Exus respeitam fortemente os mais velhos.

Outro ponto comum é o de que todos os Exus, entidades que ascenderam desde o seu início e se tornaram verdadeiros Exus, repito todos, antes de se encontrar e encontrar à Luz Divina de nosso Criador e assim se tornarem Exus, tiveram um tempo atuando em favor das trevas. Sim! Todos os Exus têm um histórico que pode ser considerado, no mínimo, sombrio. Mas deve se ter claro que, nesse período de suas trajetórias, essas entidades não eram Exus, estavam distantes disso e nem mesmo sabiam do seu futuro, ou mesmo o almejavam.

Bem como deve-se ter clareza de que nem todas as entidades negativas conseguirão ascender, mesmo que tenham a oportunidade, por mais que essa evolução seja o objetivo da bondade criadora de Deus. Nesse ponto deve-se sempre ser lembrada a bondade de Deus, nosso Pai maior, grande mentor do Universo e a verdadeira mão que conduz a todos nós. Esse amor intenso, eterno, que sempre oportuniza o perdão, o aprendizado e a nossa evolução, também tem vários nomes, Deus, Oxalá, Zambi, Obatalá...

Isso, dos mitos sobre a origem e o que são os Exus, é mesmo paradoxal, pois os Verdadeiros Exus não toleram e combatem exaustivamente todas as formas de maldade e de injustiças.

Para se separar esses Exus, os verdadeiros Exus, daqueles que se autointitulam Exu sem, contudo, sê-lo, em algumas linhas de

Umbanda utiliza-se o termo “Exu de Lei”, o qual, também em alguns casos, é visto como um polo passivo, defensivo, já que atua na proteção, socorrendo e amparando os encarnados, sem iniciar ataques para o prejuízo de encarnados e desencarnados.

Outra “fraqueza” que nos apontam, erroneamente, é a de que, por sermos mais próximos energeticamente dos encarnados, somos mais “fracos”, mais propensos à erros e falhas.

Porém, essa proximidade com os encarnados, na realidade, faz com que os Exus entendam, compreendam muito bem os sentimentos, angústias e dificuldades dos encarnados. Nossa proximidade, empatia mesmo, com os irmãos encarnados, como veremos nesse livro, é uma vantagem para nós Exus. Se torna “mais fácil” para nós ajudarmos aos encarnados, em vida ou durante a sua passagem para o reino espiritual.

Qualquer entidade que não pratique o bem, não esteja verdadeiramente empenhada na evolução de seus irmãos encarnados, não é um Exu, mesmo que adote essa denominação.

Devemos lembrar que Exus não julgam ninguém, quem dirá condenam alguém. A preocupação é sempre a de ajudar ao próximo.



Capítulo 2 - Ainda na carne

Há bastante tempo, mais de dois milênios antes da vinda de Jesus Cristo (sim! Acredito plenamente em Jesus Cristo), próximo à região do Crescente Fértil, no oriente médio, algumas civilizações humanas estavam despontando.

A escrita ainda não era do alcance de todos. Os cidadãos comuns não tinham acesso ou compreensão dos textos escritos. Não existe sociedade humana moderna que não domine a comunicação escrita. Ler e aprender faz parte da evolução humana e da de suas sociedades e civilizações.

Assim, neste contexto, aquelas pessoas que dominavam a escrita e a leitura acabaram por receber destaque nas sociedades de então.

Tendo aprendido a ler e escrever ainda jovem em uma ordem religiosa, me dediquei intensamente a ler tudo aquilo que caía em minhas mãos. Em especial, temas que envolviam alquimia, venenos e remédios.

Assim, mesmo jovem para os parâmetros da ordem que eu seguia, meu hábito pela leitura e aprendizado me conduziu a ser um Sumo-Sacerdote dessa ordem em breve tempo e com isso vir a ser o homem de confiança de um importante imperador da época.

Para ascender a esta posição na minha própria ordem religiosa, minha ganância me fez usar incansavelmente todos os métodos, lícitos e ilícitos, que estavam ao meu alcance.

O lado obscuro em mim priorizou meus conhecimentos para a obtenção de riqueza material para mim mesmo, pouco me importando

com os que me cercavam ou por aqueles que tinham necessidades, por mais básicas que fossem.

Apesar de estar em uma ordem religiosa, realmente voltada ao bem do próximo, eu nunca pensei em adquirir a verdadeira riqueza: a espiritual. Eu rezava ou orava da boca para fora... Minha única crença era a de que deveria aumentar cada vez mais meu poder e a minha riqueza material. Isso, mesmo sem eu ter a menor dúvida da existência de um mundo sobrenatural, com o qual eu também interagia e pelo qual eu era ajudado, intensamente.

Vendi indulgências, trapaceei, menti, iludi, confundi, destruí, roubei, enganei e até mesmo matei em proveito próprio, usando muitas vezes os diferentes governantes a quem servia como instrumentos de minha maldade, pois eu gozava da total confiança desses líderes.

Eu era muito hábil em amedrontar os outros com as questões sobrenaturais. Em especial com a ajuda ativa das forças das trevas que me acompanhavam.

Assim eu lutei com todas as minhas forças para não morrer. Não tinha o menor medo da morte em si e tinha certeza do mundo que existe após a morte. Meu grande medo vinha de que não conseguia me imaginar longe do poder e da riqueza material que eu havia conquistado com tanto, tanto sofrimento alheio, porém. Eu não conseguia me desapegar da minha riqueza material. Eu era avaro e egoísta.

De nada as riquezas materiais que acumulei me serviram ao desencarnar. Foi uma lição importante, mas que eu a ignorei completamente.

A Lei é implacável! Na Umbanda, a Lei (com a inicial maiúscula) é a força ubíqua que rege o Universo, instrumento da força e vontade divina. Não se consegue fugir dos ciclos naturais de vida, morte e reencarnação. Cada renascimento é, deveria ser, uma abençoada oportunidade de aprendizado e evolução.

O processo de desencarne pode ser doloroso, embora a morte possa ocorrer rapidamente, o “despertar” no outro lado da vida pode ser mais lento e mesmo demorado.

Meu desencarne não foi tranquilo. Certamente foi diferente daquele de outros irmãos. As forças das trevas se acercaram de mim, de modo a me conduzirem por um caminho muito bem definido e traçado pela escuridão das trevas.

Lembro de ter dores excruciantes. Lembro ainda que, além do sofrimento com essas dores, “acordei” com fome e sede. Sim, parecem sentimentos dos encarnados, mas muitos desencarnados têm exatamente essas sensações. A confusão mental desse processo de transição entre a vida como encarnado e minha passagem para o mundo espiritual, porém, não foi longa, como eu já disse eu tinha muito estudo sobre o sobrenatural, mesmo que desvirtuado. Além de que meu medo não era o de enfrentar o que vem após a morte, mas eu não conseguia me desapegar em modo algum da minha “riqueza” material.

Porém, nesta passagem, fui prontamente amparado pelas trevas, ávidas em que eu propagasse meu reino de maldades e crueldade também no plano espiritual.

Assim o fiz, mesmo desencarnado, montei ao meu redor todo um orbe de entidades obscuras e sempre mal-intencionadas, muitas das quais eu já conhecia e me que ajudavam enquanto ainda encarnado.

Sem maiores dificuldades acabei criando um “reino” de maldades também no universo espiritual, com atitudes que me davam prestígio e poder entre as entidades que me cercavam. Muitas dessas maldades eram impostas aos encarnados sempre que podíamos, puramente apenas para nos causar deleite e prazer com o sofrimento alheio. Mas assolávamos também, implacavelmente, desencarnados e a todos que tentassem ajudar ao próximo.

Nosso grupo, na escuridão, sob minha égide, tinha a ilusão de que éramos muito poderosos. Sim! Completa ilusão! Fazer o mal é fácil, muito fácil magoar alguém. Muito fácil prejudicar ou machucar alguém! Muito mais difícil é curar alguém, elevar alguém, trabalhar no salvamento ou no resgate do próximo. Pode ser difícil ajudar alguém. É difícil, mas importante, aprender a amar ao nosso próximo como a si mesmo. Ajudar sincera e desinteressadamente ao próximo.

Naquela época, eu simplesmente não tinha o alcance do que é ser bom, ter bondade. Para mim, bondade era um sinônimo de burrice, de fraqueza. Me deleitava com o sofrimento e desespero alheios, mesmo que fosse a dor daqueles que me cercavam ou me serviam, com

quem eu era implacável. Eu era sim um tirano impiedoso e temido. Eu amava com todas as forças de minha alma ser temido, aumentava minha ilusão de poder. Fortalecia um falso sentimento que eu poderia vencer a tudo e a todos.

No mundo espiritual, me tornei aquilo que o modismo atual gosta de chamar de Mago Negro. Embora já houve outros nomes e comparações para esse tipo de líder das trevas que, infelizmente, não é raro.

Então, daquela vez, lutei intensamente contra reencarnar e assim arriscar a perder toda a estrutura de poder que eu havia construído no lado dos desencarnados.

Porém, nesses ciclos de lutar em vida para não desencarnar e de, quando desencarnado, lutar para não reencarnar, sempre com medo de perder a “riqueza” e “poder” conquistados, reencarnei então ainda mais outras quatro vezes: a Lei é implacável!

E em cada uma dessas oportunidades, ao encarnar, desde tenra idade eu era acompanhado por entidades das trevas que me guiavam por um caminho de perdição e maldades.

Ao desencarnar, o meu reino nas trevas me recebia com alegria e honra, com a certeza de que as maldades contra encarnados e desencarnados só aumentariam e essa era a minha meta.

Não me detenho nessas outras vidas porque essa que detalhei aqui, apesar de ter sido minha primeira encarnação, foi decisiva para as outras que se sucederam, que também foram todas, até então, desastrosas.

Porém, embora eu descreva muito rapidamente as outras vidas passadas para não perder o foco da narrativa, vos asseguro de que me lembro com muita clareza cada uma das minhas vivências, encarnado ou não. Talvez hoje me lembre de detalhes de uma determinada vida com ainda mais nitidez do que durante aquela vida mesmo.

Em geral, mesmo reencarnado, na matéria, também estava sempre cercado pelas entidades das trevas, que me conduziam a praticar ainda mais maldades, muitas inomináveis. Em todas essas vidas, novas oportunidades, eu me tornava cada vez ainda mais ruim, mau, impetuoso, voraz, egoísta, em suma cada vez pior, um servo cada vez mais dedicado das trevas.

Quando eu desencarnava, sempre, as trevas me aguardavam com honras e subserviência.

Hoje, com imenso pesar, me arrependo, profundamente, de meus atos naquelas vidas e também nos períodos como desencarnado, como o então Mago Negro que eu havia me tornado.



Capítulo 3 - Redenção

Em um determinado momento, que não acredito ser mera coincidência, após os vários ciclos de encarnação e reencarnação descritos anteriormente, o completamente inesperado, ao menos para mim, aconteceu. Hoje tenho a mais plena certeza da presença da mão da espiritualidade superior nesse acontecimento.

Durante minha última encarnação, nosso Pai Maior, Deus, através da espiritualidade superior e de sua imensa sabedoria e infinita bondade, me concedeu uma vida plena de amor. Tive mãe e pai extremamente amorosos, todos que me cercavam eram plenos de amor para comigo e com todos com quem convivíamos.

Tínhamos sim dificuldades que, às vezes pareciam insuperáveis, mas que ainda assim foram vencidas com o amor presente em todos.

Esse intenso e sincero amor nutria o ambiente de paz, essa paz nos trazia fé forte e lúcida em Deus-Pai e isso afastava as perturbações e negatividades.

Fui uma mãe muito dedicada, amada e amorosa, assim, como tal, aprendi o amor desinteressado pelos meus filhos, aos quais amo intensamente até hoje. Bem como fui avó dos netos mais queridos: “as coisas mais fofas do mundo”. E do mesmo modo, fui repleta pelo amor deles todos.

Sim! Eu nasci mulher. Já ouvi perguntas de consulentes sobre como isso me afeta, pois hoje assumo uma figura masculina. Enquanto encarnada, não tinha lembranças de minhas outras vidas e como toda mulher, enfrentei o encontro com criaturas machistas, misóginas e

preconceituosas, as quais, com o encanto e jogo de cintura típico das mulheres, fui vencendo. Vejam, por mais absurdo que possa parecer, por muito tempo era dito que nem alma as mulheres tinham. Vivi os mesmos diferentes absurdos pelos quais as mulheres passam constantemente até hoje.

Como espírito, tive e tenho a convicção que nascer mulher faz parte da evolução espiritual. E lembrar do nascer “mãe”, me faz encher os olhos d’água até hoje. Admiro a cada dia mais as mulheres e sua força, sou seu fã incondicional. Agradeço imensamente a Deus por essa oportunidade, cujos principais impactos estão aqui nesse capítulo, em minha história e em mesmo quem me tornei.

Assim, o grande impacto para mim foi então ao desencarnar dessa vida plena de amor. Pois após essa passagem, que foi pela primeira vez serena, certamente por conta de o amor vivido ter mantido a espiritualidade superior próxima a mim. Como desencarnada, tive então consciência do que eu fui em minhas vidas e pós-vidas passadas, tive o acesso ao conhecimento, ao aprendizado de minhas vidas passadas e de minhas existências no outro lado da vida: o horror tomou conta de mim!

Desenvolvi, finalmente, a consciência de que eu não fui uma mãe tendo uma experiência espiritual, mas a realidade de que, como todos nós, sou uma alma imortal que viveu a experiência e o aprendizado de ter sido mãe e avó.

Nesse momento, desencarnado, é claro que todos meus antigos parceiros do mal foram prontamente tentar me “resgatar”, tratar

diretamente comigo. Graças à Deus falharam miseravelmente. Simplesmente porque meu coraçãozinho não me permitia mais a tristeza e dor alheias. Ameaçaram, praguejaram, em vão. Urraram de raiva e ódio. Totalmente em vão.

A oportunidade de crescimento também veio para mim! Da espiritualidade superior. Eu não era, não sou, ninguém especial. Todo Santo Dia a espiritualidade nos fornece oportunidades de evoluirmos.

Vamos entender com calma o que aconteceu: a vida plena que tive, como mãe amorosa, com todo o amor que tive e pude partilhar, me foi concedida por Deus através da espiritualidade superior, como nada mais do que uma simples oportunidade.

Não podemos dar o que não temos em nós, até então eu não tinha amor em mim, como dar isso aos outros? Assim, fica clara a importância de carregarmos o amor e a bondade dentro de nós.

Outro tópico importantíssimo é entender como foi que a espiritualidade superior derrotou então o Mago Negro tão poderoso que eu me considerava e quem eu, em termos, ainda o era. Lembre-se que eu tinha o conhecimento, o domínio sobre as forças das trevas, meu reino me aguardava subserviente e eu tinha acesso a todos os meios, aos meus parceiros e a um obediente exército das trevas me esperando. Essas forças trevosas lá estavam, tentando insistentemente me demover de minha decisão e fazer-me retornar ao meu reino nas trevas.

Então, qual foi a poderosa arma que colocou por terra, completamente arrasado, o tão poderoso Senhor das Trevas que se

perpetuou no poder por tanto tempo: Remorso, meus irmãos! Ao tomar consciência do amor e bondade que vivi e que então já carregava fundo em meu ser, meu arrependimento foi imenso pelo ser nefasto em que eu havia me tornado em minhas outras vidas e pós-vidas. Me emociono até hoje e meus olhos se enchem de lágrimas ao lembrar o que passei naquele momento. Repito: fui por terra. Completamente arrasado.

Mas não titubeei ou tive a menor dúvida sobre a minha decisão. O amor em meu coração não me permitia mais a maldade ou sentimentos negativos.

E o mais incrível para mim foi, no estado em que eu me encontrava, arrasado, acabado, por terra, cheio de remorso, culpa e arrependimento, ao pedir ajuda à Deus: “Senhor, meu Deus, me ajude”!? Tantas portas e janelas prontamente se iluminaram para me ajudar, tantas mãos se estenderam para me ajudar, que choro copiosamente ao lembrar daquele momento. Vivenciei naquele momento, mais uma vez, o amor que toda a espiritualidade nutre por nós todos.

Mais uma coisa, talvez só aqueles que são mães ou pais me entendam completamente, uma das motivações para eu pedir a ajuda divina foi a preocupação com meus netos. Naquele primeiro instante me preocupei muito mais por eles, do que por mim mesmo. E, certamente, eles e meus filhos foram ameaçados pelas trevas. E mesmo com tudo o que estava acontecendo, naquele turbilhão, não senti medo. Minha decisão foi firme e serena.

Outro grande aprendizado com isso tudo: o único momento em que um ser humano pode olhar de cima para baixo para outro ser humano, é quando está lhe estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar.

Esse momento de arrebatamento, como eu disse no início desse capítulo, coincidiu com a passagem de Nosso Senhor Jesus Cristo pela Terra. Não vou discutir aqui o Cristo histórico, mas o legado de seu significado.

Tantos outros espíritos foram reconduzidos ao amor e à luz naquela passagem.

Daqui se depreende ainda outro importante aprendizado: talvez não tenhamos claro a percepção de qual de nossas vidas seja a mais importante que viveremos, mas devemos com todas nossas forças viver com intensidade, praticar a caridade e aprender sobre o mundo espiritual ainda nessa vida, pois isso, certamente aliviará nosso fardo futuro, bem como será determinante na nossa transição do desencarne.

Enquanto esperamos, infinitamente, pela oportunidade de resgate e evolução, dediquemos parte de nosso tempo em estudarmos, em buscarmos a compreensão do que somos, de onde viemos e do que passamos, para que possamos contribuir com nosso futuro, ou seja, quem seremos ou almejamos ser.

Temos de aprender a perdoar e superar.

Da vida que agora temos só levaremos o que aprendemos e quanto mais amor sincero tivermos em nossos corações, melhor será.

Nota: O Livre arbítrio e o Exu das Sete Encruzilhadas

Eu, Exu Umulu, acredito no conceito do “Livre Arbítrio”. Somos nós a tomar as decisões que nos conduzem nas nossas vidas e pós-vidas ao longo de nosso caminho evolutivo.

Há um Exu, chamado Sete Encruzilhadas, que nos traz um ponto de vista muito interessante sobre o livre-arbítrio. É importante nominá-lo, pois é a opinião dele, da vivência dele e parece paradoxal ao conceito que ele tem, no qual ele diz não acreditar no “Livre-Arbítrio”.

O Exu das Sete Encruzilhadas adotou esse nome exatamente porque, segundo ele mesmo, durante sua jornada, encarnada e desencarnada, foram sete marcantes decisões que ele tomou que levaram ele a se tornar um Exu.

Porém ele declara que não acredita em livre-arbítrio. Antagônico com o nome dele? Vamos entender melhor o que ele coloca.

Fisicamente, somos produto de nossa genética (genótipo) e do ambiente que nos moldou (fenótipo). Fisicamente, não escolhemos isso. Em tese não escolhemos onde nasceremos, nem em que família ou em que condições (Eu, Umulu, não concordo muito com isso sobre as famílias e locais onde nascemos! Mas sigamos com o raciocínio de Seu Sete).

Além disso, também não podemos alterar ou prever o que as outras pessoas farão em consequência de nossos atos e como isso nos afetará.

Somos responsáveis pelo que fazemos e respondemos pelas nossas escolhas. Mas não temos como prever as consequências dessas escolhas.

Seu Sete argumenta que não controlamos o nosso futuro e nem daqueles que nos cercam, não escolhemos o nosso futuro, nem dos outros. Isso é mais um bom motivo para cuidarmos o tempo todo de nossos atos e pensamentos.

Porém, Seu Sete, acredita, piamente, que a Lei nos conduz sim. Em um caminho já escrito e escolhido para nós. E seu ponto de vista, considerando que ele é sim um antigo Exu e que seu nome vem exatamente das suas escolhas, sua opinião é muito pertinente.

Há tempos, ele declara não crer no livre-arbítrio e que ele se entregou completamente à vontade de Deus. Ele pede à espiritualidade superior todo o santo dia que essa faça dele um instrumento da vontade divina, para ajudar e alcançar mais irmãos necessitados. Ele se preocupa que seus atos independentes acabem por prejudicar à alguém.

Ele, de fato, abriu mão, renunciou ao que acreditava ser seu livre-arbítrio, pedindo que a espiritualidade maior guiasse suas decisões. Nunca achou que isso lhe tirasse a sua liberdade, ao contrário.

Ele não ignora a importância das suas próprias decisões e atitudes, ao contrário, sempre pondera e considera se essas decisões e atitudes realmente o conduzem a um bom caminho, com boas consequências a todos. Acabou assim desenvolvendo uma visão mais ampla de seus atos.

Entende ele que mantermos uma boa conduta conduzirá a nós e ao nosso entorno a um bom caminho. A questão, para ele, é como fazemos as nossas escolhas.

Então ele decidiu: “Senhor! Fazei-me um instrumento da vontade divina, fazei-me um instrumento de algo maior, um instrumento de Deus”!

Observe que isso não faz dele um fanático sem consciência.

Como já falei nesse livro, ser bom, é algo que algumas pessoas não entendem, simplesmente não alcançam. Não somos bons para o próximo porque queremos a recompensa de um paraíso ou temos medo do castigo em um Umbral ou Inferno. A recompensa de ser bom, está simplesmente em ser bom. E isso não é pouco. Embora nem todos consigam, ainda, alcançar isso.

Nossas preces são para mudarmos a si mesmos e não para mudar o mundo que nos cerca. Não é um: “Senhor me deixe rico materialmente!”, mas um: “Senhor me dê forças para levantar-me cedo, me dê forças para conduzir meu trabalho da maneira mais dignificante, me dê sabedoria para lidar e tratar com aqueles que me cercam, me dê força para superar minhas fraquezas e alcançar o que necessito”!

Assim, ao abrir mão do seu próprio livre-arbítrio e seguir as orientações da Espiritualidade Superior, o Exu das Sete Encruzilhadas encontrou a paz interior que ele tanto procurava e sua redenção. Ele explica que dar desculpas dos seus atos aos outros é muito fácil. Difícil sempre foi, para ele mesmo, conseguir se justificar para si mesmo. Entendo-o perfeitamente nesse aspecto.

Agora, entra uma terceira pessoa no relato de Seu Sete e de Seu Umulu (uma nota dentro da nota...). Do humilde parceiro que, emocionadamente, transcreve o texto ditado pelo Seu Zé. Depois de ouvir isso de Seu Sete, comecei a gostar ainda mais da oração de São Francisco de Assis. Depois disso, nunca mais a ouvi ou a pronunciei do mesmo modo que fazia até então.

Capítulo 4 - Início de outro reinício

Nos primórdios de minha passagem para o lado da luz, não imaginava qual seria a minha trajetória. Não me firmava a pensar nesse tipo de raciocínio. Apenas pedia ajuda e orientação para a espiritualidade superior e seguia em frente. Ajudando aos irmãos, encarnados ou não. Temos muitos inícios e reinícios mesmo em nossa jornada espiritual.

Trabalhando em grupos, não tínhamos nenhum nome ou alcunha específicos, ajudávamos a todos que podíamos e conseguíamos. Nossas vitórias nos deixavam melhores, mais experientes, sem alimentar falsos orgulhos. Nossas derrotas nos faziam mais fortes e também nos traziam ensinamentos. Essa caminhada nos deixava mais sábios, sem, contudo, perdermos a humildade. Lembrando sempre que ninguém é melhor do que ninguém.

Nossa maior recompensa era o sorriso de gratidão que recebíamos ao ajudar um irmão em dificuldades. Como eu já mencionei, é complicado explicar o quão bem que nos sentimos praticando o bem e a caridade. Fazer o bem, simplesmente pelo bem, é muito bom! Nesse ambiente, o amor ao próximo tem outro sentido.

Nos ambientes espirituais nos tornamos muito hábeis em ajudar os outros irmãos em dificuldades. Mas certamente o tempo que passamos nos lados escuros da espiritualidade nos deu o conhecimento que nos auxiliava a vencer os golpes baixos e falcatruas que nos eram impostas por aqueles que ainda não tinham enxergado a luz.

Conhecíamos muito bem os modos e métodos que os seres das trevas usam para rebaixar, humilhar, deprimir, prejudicar e magoar os outros.

Nos rebaixar consigo mesmos é o principal meio das trevas para nos colocar deprimidos e numa espiral emocional para baixo, rumo a uma depressão profunda. Nos diminuindo cada vez mais. Sete dias por semana, 24 horas por dia, nos oprimindo e nos fazendo acreditar que somos pequenos, inúteis, que não merecemos alegria alguma, tentando mesmo incutir a ideia que nos matarmos é a solução para nossos problemas. Atenção! Sejam muito claros de que NÃO é essa a solução! Há mais sobre suicídio ainda nesse livro, em uma nota própria.

Lembrem-se sempre que todos nós somos filhos de Deus e Ele sempre está disposto a nos ajudar através da espiritualidade superior. Rezem, orem sempre! Peçam ajuda da espiritualidade. Quando se cansarem de pedir, peçam mais! E, então, peçam novamente. E peçam ainda mais vezes. Não desistam e entendam que a depressão é um mal da Alma, que afeta o físico. Mas um mal, uma doença da alma.

Nas nossas lutas, nós Exus, porém, aprendemos a nunca guardar mágoas desses que nos agrediam como podiam e conseguiam, ao contrário, sempre que podíamos, oferecíamos ajuda mesmo àqueles que tentavam nos derrubar.

E foi um imenso presente da espiritualidade superior ver outros Magos Negros, outros Dragões, sendo convertidos para a luz. O remorso no coração desses seres, abatendo-os para a realidade, foi recorrente nesses episódios. E o amor divino os conduziu para a Luz. Muitos deles

atuam hoje para a elevação espiritual de todos e não necessariamente como Exus.

Mas, por outro lado, devo dizer que sempre dói muito ver um de nossos irmãos, embora já na Luz, se render ao canto doce do lado escuro da espiritualidade. Nossos irmãos caem para as trevas principalmente quando o orgulho, a soberba ou a luxúria os dominam. Quando se acham melhores ou mais fortes do que aqueles que os cercam. É isso que é plantado no coração e mente de bons médiuns para que eles, sem mesmo perceberem, se voltem ao lado escuro. As trevas também exploram nossos medos e mágoas, vertendo isso em raiva e desejo de vingança, ainda que nos convençam de que é justiça o que pleiteamos.

Há ainda outros mecanismos de sedução pelas trevas, como a ganância ou a lascívia. O nosso autoconhecimento, de quem somos e de que falhamos, o estudo constante e a firmeza de nossa fé sempre nos auxilia nessas batalhas.

Confesso que não sei explicar porque as trevas existem. Talvez por algum tipo de equilíbrio que não entendo bem. Algo como a luz existir exatamente porque também existem as trevas ou vice-versa. Um instrumento de aprendizado. Tenho ainda tanto a aprender meus irmãos. Preocupa-me ainda, porém, que muitos dos que habitam e lutam pelas trevas, nasceram na luz.

Temos sempre de ter cuidado e respeito com as trevas. Não são compostas por seres tolos, estúpidos e sem estudos ou conhecimento, ao contrário. Os seres trevosos sempre se atualizam nas suas técnicas

para causar a dor e o mal. Nós não podemos temer as trevas, mas devemos ter respeito e desmistificar o tema.

Tenham sempre a mais absoluta certeza de que a mais profunda das escuridões não resiste ao menor lampejo de luz!

Ajudarmos aos irmãos necessitados é nossa missão enquanto Exus e também parte da missão evolucionária espiritual de todos.

Os Exus somente terão cumprido sua missão quando resgatarmos o último de nossos irmãos que ainda resida em trevas.

Capítulo 5 - A missão de médiuns encarnados na Umbanda

Como eu disse em capítulos anteriores, no campo espiritual, nós exus éramos hábeis e mesmo eficientes. Mas ainda enfrentávamos dificuldades em tratar diretamente com os encarnados. Principalmente por conta do tipo de energia envolvida com os encarnados ser tão diferente da energia que vivenciamos no mundo espiritual.

Assim, após o arrebatamento mencionado nos capítulos anteriores e, nesse sentido, recebemos da espiritualidade superior que deveríamos estudar ainda mais e nos preparar, pois o mundo terreno estava se modificando. Um novo continente da Terra iria ser “descoberto” e neste, um País iria se tornar o berço do que hoje chamamos de Umbanda.

Sim, o Brasil! No início, uma terra formada por desterrados, fugitivos, filhos bastardos e aventureiros em busca de fortuna e fama, imigrantes, tanta gente variada. Uma terra que teve tantos conflitos desde o início de sua história. Muito sofrimento forjou uma brava gente, com tanto a ensinar.

Seria uma nova etapa para a busca da salvação, resgate e evolução para mais irmãos.

Há quem diga que a Umbanda no Brasil tem data e hora de criação, lá pelo início do século XX, quando as primeiras entidades de Umbanda começaram a se manifestar em Centros Espíritas, mas a história é mais longa, de fato começou, como estou dizendo, bem antes.

A Umbanda traz um certo tom de crítica. É comum que alguns médiuns se achem superiores aos não iniciados ou mesmo aos presentes na audiência, ou ainda mais importantes como médiuns ao receberem, incorporarem, entidades de nome conhecido, como médicos ou cirurgiões famosos, sábios ou filósofos.

Muitos querem ser médiuns para entidades famosas, mas os primeiros habitantes de nossa *Terra Brasilis* não têm ensinamentos para nos transmitir? A importante sabedoria de indígenas, dos escravizados, de migrantes, peões ou boiadeiros e da gente do povo!?

Assim surgem os altivos Caboclos de Umbanda. Os amorosos Pretos-Velhos com sua sabedoria imensa e serena. O conhecimento profundo de Boiadeiros e a história de vida dos Baianos Novos. Uma imensidão de variedades e formas na Umbanda. Entre esses os Exus.

Porém, convém observar que muitos de nossos Caboclos, Pretos-Velhos, Exus e outras entidades já estavam aqui, no mundo espiritual e material, quando a Umbanda começou a despontar para os encarnados. Quem eram os Pretos-Velhos com quem os escravizados conversavam?

É claro que existem entidades de Umbanda de origem estrangeira, vindas de fora do Brasil, mas o ponto de vista aqui não é esse e sim o da relação entre as entidades de umbanda e os encarnados. E de que os médiuns devem ser humildes, independentemente da entidade que estejam incorporando.

Assim, a incorporação de médiuns pelas entidades de Umbanda deu então o acesso para essas entidades espirituais à energia dos encarnados e potencializou a capacidade das entidades espirituais, dos mais variados tipos, em auxiliar aos encarnados.

Porém, é essa mesma força vital que os obsessores e seres trevosos se esforçam em roubar dos encarnados para suas finalidades maléficas e escusas.

Nossas rezas, firmezas e um coração leve, buscando a pureza, com amor são a nossa eficaz defesa.

E estudem! A Umbanda não é “aceitação”, é “compreensão”! Não se faz ou pratica algo somente por ordem ou pedido da espiritualidade ou de outrem. Deve se entender e compreender o porquê das coisas e o que se está fazendo.

Irmãos: meus amados irmãos, busquem sempre carregar cada vez mais amor em vossos corações.

Nota: Mediunidade é dom ou castigo

Ouçó muito que “a mediunidade não é um dom, é um castigo”.

Imagino que o objetivo de tal afirmação é deixar claro que o médium tem a obrigação de se desenvolver para ajudar ao próximo.

Porém, concordem comigo ou não, não vejo isso desse modo.

Temos o livre-arbítrio. Assim o modo em que iremos auxiliar ao próximo, encarnado ou não, é uma decisão nossa.

O sábio Pai João sempre fala: “Na gira, todos são santos”, assim ele quer dizer que nas reuniões as pessoas são fraternais e interessadas no próximo. Mas terminada a reunião, fora do ambiente da gira, mudam completamente.

A caridade e empatia devem estar presentes em nós o tempo todo.

Há inúmeras maneiras de ajudarmos ao próximo. Não necessariamente trabalhando incorporado nas reuniões.



Capítulo 6 - Surgem os Exus

O tempo, inexoravelmente, passou e embora o sentimento do que fazíamos e a necessidade de proximidade com os encarnados me fosse clara até o fundo de minha alma, eu seguia aprendendo, confiante nos desígnios da espiritualidade superior, sem ainda saber, ou mesmo imaginar, o significado do Mistério Exu.

Os nomes de muitas das entidades e das linhas de Umbanda nos foi dado, em grande parte, pela própria audiência de encarnados. Como exemplo, ao ver grandes entidades da natureza que lembravam indígenas, surgiu o nome Caboclo, sinônimo para o seu arquétipo. Os Pretos-Velhos, pelo seu afeto e conhecimento, eram inicialmente chamados de Pais-Velhos e assim por diante com as outras entidades de Umbanda.

Isso ocorre de modo natural, nós, principalmente enquanto encarnados, precisamos dar nomes às coisas para poder compreendê-las. Quando falamos em um “limão”, a figura da fruta nos vem à mente e sabemos o que é. Sabemos o que é a eletricidade pelo seu nome, mesmo sem vê-la, escutá-la ou sentir seu cheiro. Temos imensa dificuldade em entender o que é abstrato.

Assim, quando nós entidades de Umbanda aprendemos a incorporar em médiuns encarnados, tivemos, gosto de dizer, finalmente, acesso à energia que vibra com a matéria e assim ajudar ainda mais aos encarnados.

Outra era então começou!

E no contexto de meus trabalhos como Exu da Umbanda, eu sempre tratei com aquilo que chamamos de “as almas”. Os desencarnados que, por uma imensa variedade de diferentes razões, ainda não se encontraram. Por “não se encontraram” temos, por sua vez, uma imensa variedade de entidades, entre os que sofrem e não sabem bem o que está acontecendo, além daqueles trevosos das mais variadas estirpes, que são maus, têm consciência disso e é essa a sua opção.

Alguns chamam esse ambiente de “a Kalunga”. Assim era natural que eu continuasse usando a experiência adquirida com essa caminhada nos trabalhos da Umbanda.

Nos centros de Umbanda gostam de dizer que sou das almas, do trato com os desencarnados, do cemitério, enfim da Kalunga. Oportuno lembrar algo curioso, que é o Mar, a Kalunga Grande, o maior cemitério de todos.

Na realidade a Kalunga não está restrita aos Campos Santos e afins. A convivência com as Almas faz parte de nosso dia a dia.

Mandamento Exu: “Ainda que eu ande pelo Vale das Trevas e da Morte, não temerei à nada, porque a Criatura mais encrenqueira lá serei eu mesmo: Se Deus é por nós, nada será contra nós”!

A Fé deve ser mais do que uma crença, deve ser mesmo uma prática constante em nossas vidas.

Tenham sempre Fé em Deus!



Capítulo 7 - Exu Umulu, Rei da Kalunga

Inicio aqui deixando claro que Exus não gostam de títulos como “Exu-Rei” ou congêneres, isso é muito mais por conta dos médiuns e encarnados que precisam atribuir uma grande força aos guias com que trabalham. Algo como: “o meu Exu é do balacobaco”! Repito que ninguém é mais forte do que ninguém! Somos todos iguais entre si. Mero orgulho e pompa desnecessários. Mas essa é tão somente a minha opinião.

Por isso mesmo é comum que muitos Exus, quando incorporam para trabalhar, usam outros nomes, sempre menos imponentes. O importante não são os títulos, mas o bem prestado. O orgulho e empáfia não são características de Exus. E nem mesmo de outras entidades de Umbanda. Usar outros nomes menos pomposos ou famosos também ajuda com que os médiuns se sintam mais humildes, que um nome famoso não lhe suba às cabeças, além de que não cobrem mais de si mesmos por terem seu compromisso com alguma entidade “famosa”.

Nós Exus, vencemos as demandas do mal porque o bem e o amor estão conosco, porque temos plena fé na força de nosso Pai Maior. Além disso, no meu caso, é muito grande o número de irmãos Exus e irmãs Pombas-gira com quem trabalhamos em conjunto.

São esses os meus companheiros de batalhas, que eu conheci durante a minha jornada de luta contra as trevas e, hoje, tenho a honra de chamá-los de irmãos, nesse caminho de amor que nosso Pai Maior nos concedeu. São bravos e competentes irmãos, irmãos, amigos e amigos, forjados na luta contra todo o mal.

Foram os resgates ao longo do tempo que permitiram a libertação de várias entidades que se tornaram Exus e Pombas-gira e que moldaram o modo de trabalho, com a parceria e confiança entre as entidades da chamada esquerda e, em especial, no caso dessas nossas irmãs Pombas-Gira, muitas vezes alguns incautos confundem o amor de irmãos que temos entre nós.

Outro mandamento Exu: se tiveres razão e estiveres certo, com uma conduta correta, pleno de amor em seu coração, não temas que ninguém lhe prejudicará. Porém, se estiveres errado, poderá ser seu próprio Exu o primeiro a lhe cobrar.

Nota: Pombas-gira não são Exus Mulheres

Outra confusão comum é a de que as entidades denominadas Pombas-gira são Exus Mulheres. Decididamente não o são!

Essas maravilhosas entidades são também, como os Exus, estigmatizadas. Mas as verdadeiras Pombas-gira também não toleram mau de tipo algum.

São entidades maravilhosas, dignas de confiança e admiração, que possuem e representam o poder feminino, a força e a determinação das mulheres. Cada qual com sua beleza particular. São seres de uma empatia admirável pelo próximo.

Muitas Pombas-Gira, em pelo menos uma de suas encarnações, tiveram uma vida muito sofrida e, com isso, certamente têm maravilhosos e preciosos ensinamentos. Sempre visando que os encarnados aprendam e não precisem passar pelas mesmas agruras.

O preconceito com essas irmãs também é grande. Tanto que alguns médiuns preferem chamar as suas próprias Pombas-gira de Ciganas ou outros nomes que as distanciem do estigma e preconceito sobre nossas maravilhosas e admiráveis irmãs Pombas-Gira. Na Umbanda, as ciganas e ciganos têm sua própria linha, também de “esquerda”, mas diferente das de Exus e Pombas-Gira.

Outro preconceito que pode ocorrer em alguns terreiros. Mulheres não terem a permissão das chefias de terreiro em dar passagem para entidades masculinas. E homens não poderem incorporar entidades femininas. Há médiuns que possuem

compromisso com Pretas-Velhas e não há mal nenhum em tê-las incorporadas em si. O mesmo se aplica a Pombas-gira e qualquer outra entidade feminina incorporar em médiuns masculinos.

O preconceito é tão grande que algumas pessoas, erroneamente, fazem associação desse tipo de incorporação à homossexualidade. Tão grave ao ponto de afirmarem que um médium masculino é homossexual por conta de ter uma entidade feminina, ou para uma médium por incorporação de entidades masculinas.

Puro e tolo preconceito!

As pessoas e os médiuns se relacionam com todas as entidades de Umbanda. Mesmo que não as incorporem. Assim todos, mulheres e homens, têm Pomba-Gira, pois são um dos tipos de entidade das linhas de Umbanda. Gostem ou não.

Quem ainda tem preconceitos com essas maravilhosas entidades, que tanto têm a nos dar e nos ajudar, por favor, suplico, repense seus valores.

Nota: Esquerda e Direita

Outro ponto relevante para nosso relato: “esquerda” e “direita” na Umbanda não se referem ao bem ou ao mal. Tão pouco tratam de seres de luz ou sem luz, “em cima” ou “em baixo”, bem como não tem nada a ver com comparações dessa natureza.

Um dos simbolismos da vida é pensá-la como um círculo, que naturalmente tem um lado esquerdo e outro direito. Para muitos um “oito” na horizontal é o símbolo de infinito: ∞ , o qual também tem um lado esquerdo e outro direito. São inúmeros os simbolismos na história da humanidade que possuem dualidade e simetria. A vida, terrena e espiritual tem ciclos. Esquerda e direita na Umbanda se referem aos ciclos da vida.

Existem entidades de esquerda trabalhando em conjunto com as de direita e vice-versa, sendo isso muito comum de acontecer.

Quem ainda tem preconceito com entidades da esquerda, por favor, reavaliem seus valores.



Capítulo 8 - Exu Caveira

Por que a forma de uma Caveira? Uma das primeiras lições que eu deveria ter aprendido em minhas encarnações é a de que, de material, nada se leva dessa vida.

Oportuno observar que a forma que uma entidade escolhe para se manifestar é, na maioria dos casos, uma escolha dela. Na realidade é apenas uma “roupa”, que pode até ser trocada. Pretos-Velhos, em roupas humildes, muitos deles banguelas, falando errado, é antagônico com a tamanha evolução e conhecimento dessas entidades, que, porém, assim, sob uma forma humilde, nos transmitem essa humildade e um amor incondicional e sem-fim. Nos transmitem conhecimento com amor, com humildade imensa, com carinho, sempre com uma palavra amiga. Feliz daquele que já conversou de perto com uma entidade dessas!

Eu, comumente, uso a forma de uma caveira sob um manto. Nada tem a ver com uma mensagem de medo, ou algo sobrenatural, ou coisa assim. Consideremos alguns pontos: qual o destino de todos os encarnados? A morte, com a qual nos tornaremos caveiras. Uma caveira que não carrega nenhum símbolo de poder ou riqueza. Não levamos nossas riquezas materiais ao túmulo. Ao olhar para mim, uma caveira, não saberás se eu era branco, preto, amarelo, roxo. Rico ou pobre. Será difícil saber se eu era homem ou mulher ou até mesmo a minha idade.

Quem conversa comigo, em geral, ouve como resposta quando pergunta meu nome: “Me chamo Zé! Um Zé Ninguém... ou melhor ainda, um Zé Caveira, ao seu dispor”. Muitos Exus-caveira têm essa conduta.

A Caveira é uma lembrança, um simbolismo do que tenho, do que carrego comigo, depois de tudo que já passei! O amor, o conhecimento que adquiri e nem quem sou não dependem de minha roupagem.

Sigo aprendendo.

Nota: Oferendas

Mais um ponto a se discutir é sobre “despachos”, “trabalhos” e “oferendas”.

Até por conta de minha caminhada espiritual aprendi a respeitar e entender as crenças de nossos irmãos de outras linhas espiritualistas. E devemos todos respeitar uns aos outros.

Saliento a importância de deixar explícito que aqui não se faz qualquer crítica a qualquer tipo de religião, crença ou fé. Cada qual segue a sua fé, na sua crença, com seus rituais. E todos devem ser respeitados.

Então, grosso modo, de maneira muito resumida, pensemos em uma situação hipotética, para se fazer uma analogia. Imaginemos que alguém faça um trabalho pedindo para que algo ruim lhe aconteça, que você perca seu próprio sangue. Para que você tenha essa perda, algo não bom deve lhe ocorrer.

Em algumas linhas, em “troca” de seu próprio sangue, essa pessoa pode oferecer o sangue de outro animal, ou ainda a energia que vem de flores, frutos, vegetais diversos ou alimentos.

Na Umbanda Antiga, porém temos a crença que a luz de uma vela jamais se apaga. Vejam bem, a vela certamente se apaga, mas a sua luz continua ecoando. À noite, a luz de muitas das estrelas que nos alcança hoje foi gerada há bilhões de anos

em alguns casos, bem como algumas dessas estrelas nem mais existem, mas a sua luz ainda chega até nós.

A luz é vida, calor, energia. Com a sua fé e intenção, a luz e energia de uma vela serão suficientes para dissipar as intenções negativas de quem fez o referido trabalho. Por mais elaborado e pomposo que esse trabalho seja.

Assim as velas não devem, nem podem ser subestimadas, são muito importantes. Mas sempre temos de ter muito claro para quem se acende qualquer vela e ter ainda mais claro com que finalidade.

Assim, aqui, fica claro o perigo de simpatias, encantos ou congêneres. Muita gente faz esse tipo de coisa sem imaginar o risco a que se submete. Tenhamos em mente: quando uma “simpatia” é feita, para quem se está fazendo o pedido? O que será cobrado em troca do resultado dessa simpatia?

Porém cabe aqui notar que a Umbanda Antiga aceita plenamente que um médium ou consulente deixe um copo de água corrente junto da vela de seu Anjo da Guarda para seu descarrego, ou que ofereça um copo de café ao seu Preto-velho e coisas desse gênero. Nesses casos a intuição de cada um é muito importante com essas condutas. Sempre que tiverem dúvidas, conversem com alguém mais experiente.

Outra apreciável prática comum aos seguidores da Umbanda é ter em casa seu próprio altar (ou altazinho), com suas velas e firmezas.

Nota: Obsessores e Cobradores

Enquanto encarnados, não nos lembramos de nosso passado espiritual e isso faz com que não tenhamos claro quais são nossas dívidas espirituais e quem são aqueles que se julgam no direito de cobrá-las. Assim, por vezes, os que nos perseguem sabem mais sobre nosso passado espiritual e terreno do que nós mesmos.

Desde o início dessa narrativa, notem que há uma diferença muito grande entre o que é “justiça” e o “desejo de vingança”, visto que alguns usam o termo justiça para justificar a sua sanha por revanche.

Como não somos perfeitos, erramos. E nossos erros podem prejudicar alguém que pode se colocar no direito de achar que, de algum modo, deve ser reparado. Muitas vezes, porém, esse tipo de pessoa quer é revanche, vingança; travestidas de “justiça”.

Assim podemos estar sendo obsidiados por alguém que se julga no direito de nos cobrar pelos nossos erros e, por vezes, até por coisas que fizemos em vidas passadas. Podemos ser obsidiados por desencarnados ou mesmo por encarnados. Essas pessoas ou entidades podem emanar muita energia negativa sobre nós. E, se não estivermos em equilíbrio, podemos sim ser atingidos.

Como já mencionamos antes. É importante estarmos firmes e cuidarmos atentamente do que carregamos em nossos corações e mentes para não permitir que tais ataques surtam qualquer efeito.

Lembrando ainda, a decisão de “cobrar” ou ser “cobrado” não é nossa, de nenhum de nós. É da Lei! Repito que Exus não julgam as pessoas, muito menos as condenam.

Se nos ofendem ou magoam, devemos aprender a superar e deixar a vida tomar seu curso e deixar que a Lei se encarregue. Isso não trata de conformismo, mas de superação e perdão.

Algo que a audiência pode ver em uma reunião de Umbanda, através de um médium de transporte, não raramente, quando confrontamos um obsessor ou um cobrador, esse algoz tenta sempre explorar nosso medo e insegurança. Chegam a ameaçar nossos familiares para tentar nos impor medo. Puro desespero desses entes. Mantenham sempre sua fé em Deus e na Lei.

Nesse contexto, outra pergunta pertinente é “para onde vão os sofredores e obsessores encaminhados durante as reuniões de Umbanda”? Em geral, e sempre que possível, essas entidades são encaminhadas para sua cura espiritual, que lhe permita resgatar seus erros.

Nos casos extremos, em que a entidade não admite seu encaminhamento ao bem, são levadas para um umbral. Não por castigo, mas para que lá tenham mais tempo para refletir sobre qual caminho desejam trilhar, depurar seus sentimentos. Não há caráter punitivo ou castigo algum nisso. Somente serão afastadas daqueles a quem estavam prejudicando. Há uma nota sobre o Umbral nesse livro.

Outro mecanismo usado para nos tirar do equilíbrio é nos ofenderem. Mas vamos lá, é muito difícil passar incólume por uma

ofensa, mas ao mesmo tempo, simples quando conseguimos racionalizar. A pessoa usa a ofensa: Seu Filho da P... ! Então são duas possibilidades: Sua Mãe não é P... e então a criatura que vocifera tal ofensa está errada e não merece sua atenção. Ou sua mãe é realmente P..., mas isso não é da conta da criatura que quer ofender à você. Por tanto, tantas vezes somos nós a ofendermos a nós mesmos quando aceitamos a ofensa. Entendo que é difícil, mas se racionalizarmos, navegaremos incólumes pelas traiçoeiras águas da ofensa.

A ofensa jogada contra nós é um cálice de veneno que nos oferecem. A decisão de tomá-lo ou não, é toda nossa. Repito, tantas vezes nós aceitamos a ofensa, sem ter que realmente fazê-lo. Se policiem constantemente nesse sentido.

Outro ponto a ser considerado é o de que, em muitas vezes, se nos colocássemos no lugar daqueles que nos perseguem, pudéssemos sentir as suas dores, nos seria muito mais fácil perdoá-los. Embora não seja fácil, esse é um exercício mais útil para nós do que o de nutrir raiva e mágoa daqueles que tentam nos ofender ou magoar.

Nota: Suicidas

Outro tema controverso e polêmico é quanto aos suicidas. Inicio minha narrativa esclarecendo que expresso aqui uma opinião, minha visão sobre o tema. Não há a necessidade de concordarem comigo e certamente encontrarão opiniões diferentes e contrárias.

Não faltam textos condenando os suicidas aos mais profundos umbrais e infernos, ao “Vale dos Suicidas”, ao eterno sofrimento. Não questiono em modo algum a imensa gravidade do ato de tirar a própria vida. Ato com o qual, esclareço desde já, não concordo.

Mas o tema nos abre a oportunidade para uma reflexão, mantendo nossa certeza de que cada caso é um caso, diferente um do outro, fruto de uma história própria e particular.

Quando um obsessor, ou mais perturbações, se decidem ao ataque de um encarnado, o fazem desejando a morte ao obsidiado.

Muitas vezes o obsessor está clamando por “justiça”, mas na realidade deseja é vingança.

O obsidiado sob ataque, sob forte opressão, se não estiver em equilíbrio, acaba entrando numa espiral emocional para baixo, cada vez mais triste, mais infeliz, mais deprimido, desesperado, com medo e mais suscetível ao canto de sereia dos obsessores, que demandam que o obsidiado retire sua própria vida para acabar com todo o sofrimento pelo qual vem passando.

Às vezes, isso é feito por puro orgulho dos perturbadores, para mostrar seu “poder” sobre suas vítimas, esses obsessores vão insistindo

24 horas por dia, sete dias por semana, muitas vezes inclusive perturbando o sono da sua vítima, fazendo com que perca o apetite ou se alimente mal, enfraquecendo-a cada vez mais, tanto espiritual, como fisicamente. Argumentando que o obsidiado é pequeno, inútil, infeliz, limitado e que a única solução para todos os seus problemas é tirar a sua própria vida.

Então se torna lícito observar que, embora tenha cometido um ato extremo, errado, horrível e infame, o suicida é a vítima de um processo de obsessão.

Se admitirmos o suicida também como vítima, devemos observar que, além dele mesmo, os que o conduziram à tal caminho, responderão à Lei. Mas o suicida pode ser reconhecido também como vítima e não algoz.

Ao “acordar” após tal ato, o suicida perceberá que, além dos seus problemas persistirem, ele terá de responder pelo seu ato e buscar o resgate pelas consequências do que causou.

Muitas vezes os suicidas podem acabar por assistir as consequências de seu nefasto ato.

Todos os nossos irmãos que penam nos diferentes umbrais merecem ser resgatados.

E, neste contexto, mais um pedido de reflexão: aqueles que fumam, bebem, não cuidam de sua própria saúde, ou tem outros hábitos não saudáveis: não são suicidas em câmara lenta também?

Vamos condenar o suicídio sim! Sempre! Mas antes de condenar o suicida, vamos pensar e avaliar com muita calma!? Os nossos irmãos que cometeram tão grave erro precisam, antes de tudo, de oração.

E lembrem-se sempre de que nunca estamos só.

Nota: O comércio

Outro tema delicado.

Iniciemos observando que existe uma grande diferença entre cobrar e explorar. Mas vamos com calma! Algumas pessoas dedicam-se, nobremente, integralmente às atividades com a espiritualidade. Porém os boletos de pagamentos para a sua subsistência continuam chegando, religiosamente.

É natural que essas pessoas tenham de procurar uma forma de honrar com esses compromissos. Assim acontece de, em alguns lugares, ser cobrada uma taxa de consulta. Isso ocorre de muitas formas. Por exemplo, alguns terreiros rateiam os custos fixos como energia elétrica ou água, entre os médiuns da casa e aceitam doações de velas, defumadores, palheiros, charutos e cia. Outros locais só cobram quando as consultas são fora do horário das reuniões. Enfim, há várias maneiras como são praticadas essas cobranças.

Porém, quando os valores pedidos para essas consultas, ou outros tipos de trabalho ou atendimento são muito altos, rompem um limite, que não é nem claro, nem nítido e o termo “exploração” começa a ser o adequado.

Muitas das manifestações de fé que tenho visto, em várias religiões, são acompanhados de um comércio de trabalhos e serviços de fé, venda de milagres e indulgências.

E o ambiente que atrai dinheiro, atrai também charlatães. Repito que Exus, Pombas-Gira e as entidades de Umbanda não toleram nenhum tipo de maldade.

Porém, se aproveitando da esfera de medo e ignorância que existe sobre os temas, alguns charlatães, encarnados e desencarnados, ostentam nomes pomposos se dizendo Exu tal, ou Pomba-Gira tal e se aproveitam dos desesperados e dos incautos para obter dinheiro.

Quanto mais gala e circunstância criam, mais exploram seus clientes. Mas, graças a Deus, essa não é a regra. Há muita gente boa e séria.

Como já disse nesse livro, os trabalhos de Umbanda, via de regra, são por amor, fé e caridade. Nada é cobrado da audiência. Mas, repito, cada casa tem suas regras e, principalmente, suas necessidades. Cada caso tem suas circunstâncias, peculiaridades e, portanto, cada situação é diferente, única e assim deve ser considerada e se for o caso, analisada.

Não condenamos a quem cobra, mas não se deve, porém, explorar ao próximo.

Capítulo 9 - O Umbral

Mais um tema que começou como uma nota, mas traz volume suficiente para se tornar mais um capítulo. É um tema que nos traz curiosidade e, em alguns casos, preocupação ou mesmo temor. O que é natural, pois somos imperfeitos, erramos e muitos de nós têm noção disso.

É comum se dizer que o mundo espiritual é parecido em muitos aspectos com o mundo terreno, dos encarnados. Essa analogia ajuda muito aos encarnados entender alguns conceitos espirituais, pois há uma imensa dificuldade dos encarnados em tratar com coisas que são abstratas, como já falamos anteriormente.

Porém entender outras questões espirituais também envolvem alguns conceitos um pouco mais complexos. Vou tentar colocar no papel alguns aspectos do que chamamos de Umbral. Novamente um tema sob uma ótica com a qual o leitor não precisa concordar.

O Umbral pode ser tão complexo que é comum se dizer, ou se interpretar, que existem vários umbrais. É comum ainda se comparar o Umbral com o Inferno ou mesmo o Purgatório descritos em outras religiões, mas evitem essa comparação. Há, no Umbral, vários níveis: mais densos, menos densos, em um ambiente repleto de almas penadas, espíritos zombeteiros e mesmo seres mal-intencionados que lá estão por escolha própria. Pode-se fazer, com as devidas

considerações, uma comparação com um imenso shopping center, com centenas de andares, milhares de portas.

Isso ocorreu porque, em alguns casos, alguns desencarnados escolheram, ou mesmo se recusaram (livre-arbítrio?), a seguirem o caminho da espiritualidade em rumo à evolução. Com o tempo esses espíritos desgarrados geraram, ou tiveram afinidade, com um nível vibratório que não está bem no plano terreno, mas também não está plenamente nos planos superiores de evolução espiritual.

Alguns desencarnados, por falta de conhecimento, por ausência de fé, por suas crenças e outros motivos análogos acabam indo para esse plano, mas saliente-se, não por caráter punitivo, mas para aprendizado.

Alguns espíritos acabam por, no Umbral, aprenderem coisas que deveriam ter aprendido ainda em vida e, mesmo sendo no Umbral, esse aprendizado vai facilitar, em muito, seu resgate de lá.

Já outros espíritos acabam se aproveitando desse plano energético para se “esconderem” dos rumos evolutivos. E há ainda mais alguns que estão no Umbral para se aproveitar de outros espíritos que estão ali “perdidos” e, não raramente, sugam a energia desses desgarrados em proveito próprio.

Há uma variedade imensa de tipos de entidades que habitam o Umbral e a maneira como cada uma dessas entidades lá permanece e transita pode ser bem diferente uma das outras.

No Umbral pode haver gente que não necessariamente fez, conscientemente, mal aos outros, mas esteve desorientado e afastado

de sua missão em vida. Dentre os aspectos de nossa missão em cada vida está praticar o bem com todas as nossas forças.

A maneira como cada qual vivencia o umbral é quase única, será para cada um, um reflexo de sua própria alma e pode sim ser uma oportunidade para resgataremos o que não fizemos ainda em vida. Precisamos reconhecer nossos erros e falhas, superá-los e perdoar a si mesmos.

Alguns serem trevosos que se recusam a voltar atrás de suas maldades, tanto no plano espiritual, como no terreno, podem ser encaminhados ao Umbral como forma de lá ficarem por um tempo para maturar seus sentimentos e seus atos. Esse tempo de permanência lá dependerá de cada um. Do que precisa resgatar e de como encara, sente o que tem a resgatar.

Em um forte antagonismo a isso, também outros seres trevosos escolhem lá para ficar e continuar praticando seus atos nefastos.

Alguns desencarnados que ainda não aceitaram sua passagem, imersos em dor, fome, sede e confusos sobre o que está acontecendo, não ficaram presos ao plano terreno, mas não maturaram o suficiente para acompanhar os espíritos até um hospital espiritual onde pudessem ser tratados, também perambulam no Umbral.

Há também os casos de desencarnados que se julgam tão superiores aos demais que se perdem, caindo no Umbral. Não raros são médiuns e diferentes sacerdotes que, do alto de sua arrogância e falsa modéstia, se perdem também no Umbral.

Por outro lado, em contraposição, pessoas sem nenhum preparo espiritual podem ser recebidas em sua passagem por espíritos esclarecidos que lhes encaminharão a um tratamento adequado, fora do Umbral. O amor de entes que eram nossos parentes e mesmo amigos em outras encarnações pode sim nos livrar do Umbral.

Uma pergunta que comumente escuto: Quem vem nos buscar quando desencarnamos? Lembrem-se de que somos espíritos imortais, assim, em nosso resgate, podem vir antigos parentes e amigos, de outras vidas, que ainda nos amam e vêm a interceder por nós. O amor materno opera incríveis resgates, bem como as orações sinceras de amigos e companheiros de outras jornadas também proporcionam resgates.

Mesmo que não tenhamos merecimento, o amor de Deus é muito grande, basta que, de coração, nos rendamos ao arrependimento sincero de nossos atos e verdadeiramente aprendamos com nossos erros para nos livrarmos do Umbral. Mas repito: temos de realmente, de modo sincero e puro, termos nos arrependido e aprendido de fato com nossos erros.

A esse ponto desse capítulo, pode-se vislumbrar que embora seja um plano específico, o Umbral é muito amplo, extremamente variado e profundamente complexo, não é simples entender o que se processa lá e nem mesmo como lá transitar. Como cada espírito vai circular ou mesmo permanecer por lá depende de inúmeros fatores.

Bem, durante uma vida inteira deveríamos perseguir nossa evolução. Porém, infelizmente, isso nem sempre acontece. Em alguns

casos, o Umbral acabará sendo o local onde alguns espíritos terão de buscar o aprendizado perdido em uma vida inteira. Em outras palavras: espera-se que em uma vida inteira possamos cumprir nossas missões, mesmo que para isso devamos mudar profundamente... Se não fizemos isso em vida, corremos sério risco de ter de fazer essa mudança no Umbral.

Estejam atentos meus irmãos, muitas vezes o maior obstáculo à nossa evolução espiritual somos nós mesmos.

Mais um ponto é o de que, por vezes, se banaliza a morte como uma etapa simples e natural da vida, esquecendo-se, porém de que é também um momento de prestação de contas. É sim uma etapa natural e certa dos ciclos de nossa evolução espiritual, mas seu significado é importante e nos deveria ser claro.

O umbral é paradoxal em muitos termos: O tempo de umbral pode ser muito mais leve para um egum, um obsessor, do que o tempo que esse passou em terra cometendo seus erros.

Às vezes, em nosso dia a dia, temos lembranças de nosso passado que nos cobram por atitudes e palavras. Como se pudéssemos voltar ao passado e ter agido de forma diferente.

No umbral esse tipo de cobrança será uma constante!

Quando cometermos qualquer erro contra aqueles que nos cercam, devemos tentar repará-lo o mais breve o possível, ainda nessa vida. Porém não devemos ser afoitos nesse reparo, devemos pensar com profundidade e ver como reparar o ocorrido. Estejamos sempre

atentos: nem todo erro tem conserto e todos os erros têm seu preço! Estejam atentos às suas decisões e atitudes!

Então correremos sério risco de sermos cobrados constantemente por esses erros no Umbral. Cada passo que dermos no umbral pode nos trazer a memória de um erro desnecessário. Errar faz parte de nosso aprendizado, mas não podemos prejudicar o próximo.

Erramos e ainda em vida podemos ficar nós mesmos, nos cobrando pelo nosso passado. Repararmos, nos arrependermos e aprendermos com esses erros do passado pode ser uma forma de nos libertarmos ainda em vida dessas cobranças e vivermos um presente e futuro em paz com nós mesmos.

Mas o medo do Umbral, de termos de ir para o Umbral, não é o verdadeiro motivo para corrigirmos nossos erros ainda em vida. Devemos ser corretos e bons pelo simples fato de sermos corretos e bons.

Não raro é que, quando em trabalho de resgate, as entidades de luz, como Caboclos ou Exus, se reúnam em grupos ou falanges para essas missões no Umbral e incessantemente os Exus estão indo em resgate de nossos irmãos que lá estão, repito o que já falei em outro trecho desse meu relato: os Exus não terão descanso enquanto não conseguirmos resgatar todos os irmãos que lá estão.

Vejam, ainda nesse contexto do pós-morte, há espíritos que ficam presos à matéria, ainda em nosso plano. Ou ainda espíritos como, por exemplo, obsessores que não desejam sair do plano terreno para perpetuar sua vingança contra aqueles que ainda estão encarnados.

Esses não estão no Umbral, convivem conosco em nosso dia a dia. Por incrível ou estranho que possa parecer. Algumas pessoas demoram a perceber que desencarnaram e vagam perdidas.

A estadia no Umbral é temporária. Se fôssemos reduzir a complexidade do Umbral em poucas palavras: um local para a nossa própria redenção.

Me dou conta somente agora, no momento deste relato, algo curioso, não conheci esse Umbral em meus desencarnes, mas nada a ver com merecimento, como já contei anteriormente, nos meus piores momentos, trevas mais profundas que as do Umbral me guiavam e meu resgate pela espiritualidade ocorreu da oportunidade de meu profundo e sincero arrependimento. Aprendi com meus erros, me arrependi profunda e sinceramente, pedi perdão e socorro à Deus. Com isso veio a oportunidade de redenção, enfim já contei isso antes. E então fui conhecer o Umbral como Exu, mais de uma vez, para resgatar irmãos que lá estão e, também, infelizmente, deixando lá Eguns que ainda precisam maturar e, talvez, perdoar a si mesmos.

Por maiores que sejam nossos erros, poderemos encontrar redenção, ainda que no Umbral.

Mais uma vez: mantenham os seus corações plenos de amor verdadeiro, pratiquem, de modo sincero, a caridade e, sempre, tenham Fé em Deus, confiem na espiritualidade e chamem por seu auxílio.

Nossa evolução depende de nós.

Capítulo 10 - Novo Relato do Exu das Sete Encruzilhadas

(Quem aqui narra, é o Exu das Sete Encruzilhas)

Como dito em um capítulo anterior, meu nome vem das escolhas que fiz em minha jornada e que me levaram a me tornar um Exu: O Exu das Sete Encruzilhadas.

Quando sabem da origem de meu nome, é comum que me perguntem quais foram as decisões que tomei que me conduziram a me tornar o Exu das Sete Encruzilhadas. Fui instigado por leitores da primeira edição nesse sentido. Segue aqui o meu humilde relato, sob meu ponto de vista do que vivi e do que me lembro.

Início afirmando que não acho mesmo que a minha seja uma história de outro mundo, ou mesmo digna de tanta nota. Muitas das coisas da vida pelas quais passamos podem ser impressionantemente simples, se assim permitirmos e se não ficarmos nos atendo a besteiras. O errar e ter dor com isso fazem parte de nosso aprendizado e não devemos nos ater em sofrer, mas aprender com esses erros e repará-los se for o caso, enfim superá-los. E ainda dar mais valor e se alegrar com as nossas conquistas. Mas nossas decisões podem afetar profundamente aqueles que nos cercam e temos de estar sempre atentos e conscientes disso.

Quando encarnado, ainda na África, com muitas mentiras, ardilosamente colaborei intensamente para que contrerrâneos do meu próprio povo fossem presos, escravizados e trazidos para o Brasil-

Colônia. Dentre os descabros que cometi para atingir meus nefastos objetivos, o que mais me pesa até hoje foi a traição que cometi àqueles que em mim confiaram.

Como algo que eu mesmo semeei e que se voltou contra mim mesmo, acabei nas mãos daqueles que escravizavam o meu povo, também fui preso, escravizado e deportado para as terras brasileiras.

Durante a longa viagem ao Brasil o meu ódio e o desejo de vingança só cresciam em mim. Não me preocupando nem um pouco com os outros que compartilhavam o mesmo destino cruel que o meu, mas pensando somente em mim mesmo, me rebelei e tentei um motim a bordo. Por isso fui preso e morto com extrema crueldade, sob tortura, para servir de exemplo e desmotivar qualquer um que tivesse o desejo de lutar contra a própria escravização.

Após esse desencarne, as entidades das trevas se acercaram e me acolheram, fazendo meus sentimentos negativos crescerem e se intensificarem ainda mais. Assim, pleno de ódio e desejo de vingança, atuei intensamente como um obsessor contra meus captores e algozes, refletindo isso já aqui no Brasil, sob intensos sentimentos negativos. Assim tantos eu prejudiquei naquele tempo.

Como dito já nesse livro, a Lei é implacável e uma nova encarnação chegou. Acabei me tornando um terrível Capitão-do-Mato, um algoz implacável de meus próprios irmãos. Assim uma nova oportunidade veio e foi desperdiçada em uma vida na matéria, carregada de más atitudes e mentiras, sob forte influência das criaturas

que habitam as trevas, com as quais eu interagia intensamente. Por consequência disso, de meus péssimos hábitos e das atitudes negativas com os que me cercavam, por medo de mim e o desejo de vingança daqueles a quem tanto maltratei, fui traído e entregue aos meus algozes.

Novamente tive um desencarne sob dores excruciantes.

Explico que não frisei esses dois desencarnes sob tortura e dor para apenas ilustrar a minha história. Ao morrer dessa forma brutal, a imensa carga de raiva e ódio acumulada nesses momentos me acompanhou, aumentando ainda mais meu desejo de vingança.

Assim, novamente fui recebido pelas trevas, que me acolheram como irmão. Minha bagagem de conhecimentos me permitiu ser um instrumento eficaz das trevas em causar a dor e sofrimento de encarnados e desencarnados no plano terrestre. Nesse período aprendi ainda mais sobre como praticar o torto e o errado. Nada fiz no sentido de me arrepender, aprender o justo ou compensar.

Como ciclos naturais, novamente encarnei e desencarnei mais algumas vezes, em alguns casos também como mulher e ainda assim não cultivei o amor ao próximo, nem mesmo com a minha própria prole, meus filhos e netos.

Me perdoem, mas ainda me causa dor o que vivi naqueles períodos e vivenciar isso novamente ainda é muito difícil para mim mesmo, por isso estou sendo breve, mas minhas escolhas passadas estão sendo apresentadas de modo claro. Importante é observar que eu ia perdendo cada nova oportunidade de aprendizado.

Então, em mais um período como desencarnado, incentivado pelas trevas que me cercavam, para demonstrar minha ilusão de que eu era forte e poderoso, comecei a obsidiar uma jovem e seus filhos. Perturbava com intensidade também todos aqueles que os cercavam, buscando sempre trazer conflito, dor, prejuízos e desgostos para aqueles a quem eu, implacavelmente, perseguia.

Essa jovem acabou sendo assassinada de forma covarde, pelas costas, à traição. Por puro orgulho e vaidade, eu e meus companheiros das trevas fomos ao encontro dela logo após o seu desencarne para tentar lhe impor ainda mais sofrimento. Difícil explicar como, mas fomos surpreendidos e recebidos por uma falange de Exus, guardiões. Não fomos nem um pouco páreos para enfrentá-los. Abandonado pelos meus companheiros das trevas, fui capturado com facilidade por esses Exus, mas não fui maltratado por eles como eu tanto temia, além disso, com respeito e leveza, eu fui levado ao encontro da referida jovem, desencarnada, mas que estava bem e impressionantemente lúcida para quem havia sofrido uma morte violenta.

Sem eu nada entender até então, a jovem tomou a iniciativa e veio até mim, me abraçou fortemente e disse que me entendia e me amava. Ainda sem eu nada entender daquela recepção tão verdadeiramente amorosa ela repetiu: “Vovó, hoje eu lhe entendo, sinto muito que tenhas passado por tudo isso para chegar até aqui. Mas já lhe perdoei há muito tempo e lhe amo muito, pois sem você eu não teria nem nascido”!

Sim, eu não fui capaz de reconhecer a minha própria neta em outra vida passada, com quem pouco vivi enquanto encarnado. Eu estava completamente cego pelo ódio tão intensamente alimentado pelas trevas que me cercavam até então e que não pensaram duas vezes antes de me abandonar aos guardiões que me capturaram. Mas não quero dizer que fui traído pelos seres trevosos, não quero usar mais a palavra traição.

O impacto do amor recebido de minha neta, mãe de mais descendentes meus e a quem eu tanto prejudiquei, arrasou comigo. Foi um evento de uma intensidade incrível. Meu remorso foi incomensurável.

Assim, em seguida fui levado a um local de cura, onde fui tratado com muito amor e respeito e, finalmente, aprendi e conheci o amor desinteressado e a caridade. Minha neta e tantos outros lá me trataram e curaram com muito, muito amor.

Os vínculos de amor, compaixão e da caridade prestados para mim durante minha convalescência naquele local de cura nunca mais se dissolveram. Além da cura e consequente evolução, reconquistei toda uma família. Isso até hoje muito me emociona.

Até aquele momento eu nunca havia imaginado que iria me tornar um Exu. De modo sincero não imaginava esse destino ao qual nunca me considerei merecedor. Orientado e acompanhado pela espiritualidade, trabalhando no plano terrestre, onde eu havia praticado tanta maldade aos encarnados e desencarnados, comecei a aprender a resgatar meus irmãos que necessitavam de ajuda e muitos desses

resgatados foram engrossando as fileiras daqueles que lutavam pela libertação de todos nossas irmãs e irmãos.

Quando me dei conta, a espiritualidade superior já me tratava por Exu, pois é como eu lutava e me comportava.

Mas eu ainda sentia que tratar e curar os problemas alheios é tão mais fácil do que curar e tratar a si mesmo, levei tempo para trabalhar isso em mim. Mesmo como Exu eu sempre nutri a certeza de que meu caminho já estava traçado antes mesmo de eu partir da Mãe-África, um sentimento claro, mas uma intuição difícil de explicar.

Como já relatado antes pelo Senhor Umulu, minha verdadeira redenção veio, quando já servidor da luz, entendi o que para mim é o livre-arbítrio e a bondade infinita de Deus que me guia e me ampara, bem como acompanha a cada um de nós, sempre disponibilizando novas oportunidades de aprendizado, redenção e elevação. Rezo à Deus todos os dias pedindo sua orientação e amparo, que com a sua infinita bondade divina, nunca me faltaram.

Os ensinamentos que tive com essas escolhas deixam claro que Deus é amor, é perdão. Todos temos sempre a oportunidade da redenção.

Sou um Exu, tenho muito orgulho disso e carrego este fardo com alegria e leveza. Não me pesa.

Também da mesma forma descrita pelo Senhor Umulu nesse livro, percebo agora que só conheci o Umbral já como Exu, servidor da Luz, pois sempre trabalhei e trabalho mais no plano terrestre. Ouso

então dizer que é provável, quase certo, que compartilhemos essa relação com o Umbral com outros servidores da Luz.

Assim, complemento o que foi dito no capítulo sobre o Umbral nessa edição, dizendo que o Umbral não é somente um local de expiações ou sofrimento, talvez se eu tivesse vivenciado o Umbral, teria tido a oportunidade de lá me redimir. O Umbral que alguns enfrentarão será sempre o reflexo do que fomos enquanto encarnados e daquilo que temos que ainda resgatar. Não temam o Umbral, temam suas atitudes ainda em vida que causem qualquer mal aos outros.

Como dito também nesse livro, amemos cada vez mais ao próximo. Carregar nossos corações com empatia e amor. Essa trilha de caridade é o caminho do sucesso espiritual.

Ainda sendo repetitivo: temos de aprender a perdoar e superar.

Nota - Seu Sete encontra Seu Zé

(Quem aqui narra, é o Exu das Sete Encruzilhadas)

No final dos anos 1940 e início dos anos 1950, o mundo vivia um ambiente de pós-guerra mundial e o ambiente da chamada Guerra Fria se iniciava.

Tempo de ambientes antagônicos entre as esperanças de recomeços e dores das perdas e derrotas.

Durante os anos de conflito, por mais que a espiritualidade, na medida do possível, se preparasse, no mundo espiritual havia falanges e mais falanges de espíritos desencarnados necessitando tratamento e encaminhamento.

Como o Exu das Sete Encruzilhadas, como já disse antes, tinha maior afinidade com o plano terrestre, o qual sofria consequências da convulsão vivida na Kalunga, o mundo das almas.

Todos os exus buscam constantemente por aprendizado, evitando o grave erro de se acomodar. Eu sentia forte vontade em renovar a mim mesmo e, assim, também dar ainda mais conhecimento e ânimos às falanges com quem trabalhava.

Nesse contexto, orientado e incentivado pela espiritualidade superior, procurei o Senhor da Kalunga, o Exu Humulu.

O trânsito e diálogo entre os exus, entre todos os exus, mais experientes ou não, é muito fluido e sereno.

Então, em encontro com o Exu Humulu, ele me incentivou a procurar um médium para que, trabalhando incorporado, eu tivesse acesso direto à energia da matéria, dos encarnados, como já explicado nesse livro. Muitos exus, em especial aqueles mais ligados ao plano terrestre, tiveram a mesma orientação, além das falanges de Exus das Sete Encruzilhas, Exus Tiriris e tantos outros Exus guardiões e falanges de Pombas-Giras, Padilhas, Molambos, Marias tantas...

Com o temperamento típico de um Exu, quase em tom jocoso, devolvi o desafio ao Exu Umulu: além de suas falanges, você próprio não participará desse novo desafio? Voltar a trabalhar incorporado? Acho que nunca o vi dar uma gargalhada tão deliciosa: Claro que sim! E agora que colocaste essa questão, trabalharemos juntos, eu e você, com seu médium. Começava ali uma jornada de aprendizado que me modificaria profundamente.

No início dos trabalhos conjuntos incorporados, era mais comum Seu Zé Caveira incorporar nos trabalhos. Quem já conversou com Seu Zé bem sabe a empatia que a criatura tem para tratar com os consulentes e mesmo com outros médiuns ou entidades. Quando eu vinha, era muito comum eu ouvir: veio o outro exu dele... me era engraçado e de tanto tentar explicar, sem sucesso, que o “outro”, na realidade, era ele, com o tempo eu nem explicava mais. Quem conversou comigo no passado percebe com facilidade o quanto eu mudei no trato com os encarnados, com as outras entidades e, em especial, com eguns e sofrendores. Saliento que essas mudanças pelas quais passei nunca me foram impostas, ao contrário.

Trabalhamos tanto juntos, Exus e Pombas-Giras constituem uma verdadeira irmandade, irmãos de fé em Deus-Pai maior. Desde essa conversa, lá se vão cerca de 80 anos no plano terrestre, hoje vejo Exu Humulu como muito mais do que meu irmão ou meu mentor, um amigo fiel, a quem guardo em devoção e gratidão.

Hoje, quando perguntam meu nome, gosto de falar “Exu das 7 caveiras da encruzilhada”. O “caveira” no nome tem uma humilde forma de agradecer aos conhecimentos e a humildade que tanto recebi nesse período de aprendizado, o qual, hoje ainda continua.

Capítulo 11 - Somos Todos Iguais

Por não ser diretamente relacionado com a minha história, esse texto, inicialmente era para ser uma nota explicativa, mas devido à importância do tema, vamos discuti-lo como outro capítulo.

Outro ponto, levado à ferro e fogo em alguns grupos, é sobre a roupa dos médiuns. Me refiro a vestimenta física dos médiuns.

Na Umbanda é comum os médiuns se vestirem de branco, postura obrigatória em alguns terreiros. Isso vem do fato de que, originalmente, todos se vestiam de roupa comum, de algodão-cru, reaproveitamento de sacas ou mesmo de tecido cru. Todos tinham uma roupa humilde, simples e todos se vestiam de modo igual. Lembrando assim que ninguém é melhor do que ninguém, que todos devemos ser vistos como iguais. De modo fraternal. E, sim: devemos respeito aos mais velhos e não é nossa roupa que determina nossa índole.

Além disso, consideremos, como exemplo, que um médium novo nas reuniões, mesmo jovem e ainda inexperiente, pode estar dando passagem a entidades muito antigas, sábias e experientes. Portanto não é o tempo de terreiro ou de trabalho como médium que define isso, muito menos será a roupa que o médium usa.

Alguns ritos têm seus médiuns em uniformes. Não necessariamente de cor branca. Cada terreiro ou grupo de Umbanda tem suas próprias regras, que devem ser respeitadas pelos seus frequentadores. Porém, mais do que a roupa, o importante não é como nos vestimos, mas o que carregamos em nossos corações.

A roupa branca, ou outro uniforme é exatamente para lembrar que somos todos iguais e facilitar para a audiência identificar quem são os médiuns da casa para poder melhor interagir com esses.

Os maravilhosos trajes de diversas manifestações espíritas, de espiritualidade e de fé são muito importantes para estreitar a relação entre os médiuns e as entidades que estão se manifestando e trabalhando em determinados momentos das reuniões de fé, além de seu impacto sobre a audiência dessas vestimentas em trabalhos. Há ainda casos em que a audiência só sabe reconhecer algum tipo de entidade pela roupa que essa está utilizando.

Lembrem-se que a ótica aqui, neste texto, é de uma Umbanda minimalista. Assim, nesse contexto, uma camisa branca de seda caríssima, com calças em linho de grife e sapatos brancos importados, podem acabar por fazer se perder o sentido da roupa branca. É bom ir em roupa discreta e que permita as movimentações físicas que ocorrem nos terreiros. A Umbanda Antiga tende a ser tolerante com o quesito de que roupa utilizar. Mas tá! Não precisa também ir todo desarrumado para a reunião!

Ninguém é melhor do que ninguém. Muito menos pela roupa que usa.

Nota: Tatuagens

E mais um tema delicado que, porém, não o devia ser.

Não é a roupa que vestimos, o carro que dirigimos ou a casa em que moramos que nos define como bons médiuns ou mesmo boas pessoas. Nossas atitudes são muito mais importantes do que nossas palavras.

Já ouvi muitas coisas negativas sobre tatuagens, mas não creio que isso seja mais importante do que nossas atitudes.

Ter ou não tatuagens não define, explica ou justifica nossas atitudes. Há pessoas boas com atitudes corretas e que possuem tatuagens e pessoas com hábitos condenáveis que não possuem tatuagem alguma, portanto não há relação entre caráter e possuir tatuagens.

Mesmo os exageros no uso de tatuagens não deveriam ser questionáveis. Não podemos alimentar preconceitos sobre uma pessoa pelo fato dela ter tatuagens.

Ter ou não tatuagens é uma decisão própria de cada um.

Me perdoem, mas me parece preconceito. As pessoas serão consideradas boas pelas suas atitudes de fato. E não pela sua aparência.

Nota: doação de órgãos e cremação

Mais um tema para sua análise. Novamente saliento que apresento aqui minha opinião.

Ao desencarnar de uma pessoa, alguns dos parentes ou pessoas próximas podem apresentar dúvidas se a cremação do corpo ou ainda a doação de órgãos possa, em algum modo, atrapalhar essa pessoa que partiu.

Uma análise mais fria pode conduzir ao raciocínio de que o corpo que ficou é apenas uma “casca” vazia, sem a alma que lá habitava e que em nada vai ajudar ou fazer falta a quem partiu para os planos espirituais. Assim a doação de órgãos ou a cremação do corpo não seriam problema algum.

Entretanto, há alguns “poréns” nessa situação. Já foi comentado que algumas pessoas podem ficar um bom tempo sem entender que faleceram ou mesmo serem apegadas demais à matéria. Nesses casos, ver partes do seu corpo retiradas sem que o desencarnado entenda o que está acontecendo, pode sim causar alguma inquietação ou alvoroço.

Temos de considerar que a decisão final de doação ou cremação cabe aos que permanecem vivos e deve ser tomada com serenidade.

A doação de órgãos pode salvar vidas e isso é um importante ato de caridade com os nossos irmãos.

Um caminho importante para evitar problemas nesses casos é o de nós mesmos conversarmos sobre esses temas com aqueles que nos são próximos. Em geral as pessoas não falam sobre sua própria morte. Medo talvez de esse tipo de conversa parecer algum tipo de mau presságio, mas não o é. É um tema importante que devemos abordar com aqueles que nos são próximos.

Temos sim de conversar sobre esse tipo de coisa e nos prepararmos para a nossa morte física, pois ela virá. Assim conversem com os próximos a vocês sobre seus desejos de doar órgãos, de serem sepultados ou cremados. Deixem claros os seus desejos.

Outra pergunta nesse tema é sobre como lidar com alguém que partiu e está apegado aos restos de seu corpo ou em desacordo por ter visto seu corpo indo para a cremação: rezem para o anjo da guarda de quem partiu. Rezem sempre até perceberem que as coisas se acalmaram.

Vou repetir: tomem a iniciativa de conversar e deixem claro seus anseios e desejos. Se preparem para seu próprio desencarne.

Capítulo 12 - E nossos amados Pretos-Velhos

(Quem aqui narra, é Pai João de Angola)

Um grande parêntese em nosso livro.

Trago aqui outro texto não diretamente relacionado com a minha história como Exu, mas um relato de Pai João de Angola que é interessante e traz ensinamentos complementares.

É para mim um grande orgulho e imensa alegria Pai João ter acrescentado seu relato à essa edição, pois ele tem sido para mim um grande mentor que me trouxe muitos ensinamentos com a sua sabedoria de Preto-Velho.

Algumas pessoas podem estranhar inicialmente, mas muitos Pretos-Velhos e Exus compartilham muita coisa em comum. Considerem, por exemplo, que ambos são tipos de entidades muito antigas. Nesse livro relato que a Umbanda começou antes mesmo da descoberta do Brasil. E nesse início, ainda que não tivessem essas denominações, pretos-velhos e exus já trabalhavam pela evolução espiritual de todos nós e, muitas vezes, em conjunto.

=====

Meu nome é João, um Preto-Velho de Umbanda, assim, nos terreiros sou chamado de Pai João de Angola, ou simplesmente Paizinho, como muitos me chamam e me deixam lisonjeado e feliz com esse carinho que enche meu coração de alegria.

Tento aqui, neste capítulo, relatar muito do pouco que sei, mas não é fácil passar sentimentos ao papel. Muitos antes de mim o tentaram, basta vermos tantas músicas e poemas lindos que existem. Mas não tenho o dom para textos poéticos ou para a musicalidade, assim, desde já, perdoem as poucas linhas mal traçadas em que, humildemente, tentarei transmitir minha vivência. Lembrando que é apenas a minha opinião, meu humilde ponto de vista, como me lembro e com o qual não precisam concordar. Já estarei muito honrado e feliz se vocês lerem e considerarem o que escrevo, mesmo que discordem de mim.

Ninguém é melhor do que ninguém! Embora nós, pretos-velhos, tenhamos a imagem de pessoas mais velhas e por isso, comumente, chamamos aqueles com quem conversamos de filhos, somos na realidade todos irmãos. Iguais perante a Deus e iguais entre si.

12.1 - E fez-se a Luz

Hoje, com o que se tem de conhecimento, se explica que em um determinado momento, há muitos bilhões de anos atrás, tudo o que havia em nosso Universo estava concentrado em um único ponto, em uma singularidade. Houve então uma imensa e rápida expansão que, no

seu desenrolar, deu origem a todos os corpos e energias presentes no Universo.

Notem que, assim, o nosso universo nasceu escuro, sem luz, literalmente uma era de trevas que foi então substituída por uma era subsequente, de luz, advinda das estrelas que começaram então a nascer e iluminar o nosso Universo.

Essa evolução veio acompanhada de uma energia cósmica e dela temos até hoje a chamada radiação cósmica de fundo, ou ruído de fundo, cuja presença é um fato e essa forma de energia atualmente ainda é presente e está distribuída uniformemente em todos os cantos do nosso Universo. Bem tênue e sutil, mas, mesmo assim, presente indubitavelmente.

Durante a evolução do Universo, em algum momento do passado essa radiação/energia ubíqua criou, tomou consciência e ao longo de bilhões de anos vem evoluindo. Essa consciência, que eu acredito plenamente ser guiada por uma força e inteligência ainda superior, veio lentamente criando condições para que a vida surgisse e se desenvolvesse. Isso tudo, porém, sem nenhuma “mágica” ou se forçando situações. Isso tudo ocorreu respeitando as leis da matemática, da física, da química e, assim, da astronomia. Porém, não se prenda ao rigor formal, acadêmico, o importante aqui é o contexto e não os detalhes formais.

Para que a vida complexa ocorra em algum planeta, é necessária a presença de determinados elementos químicos, que são essenciais aos

seres vivos complexos como os conhecemos, tais como Carbono, Hidrogênio, Oxigênio, Nitrogênio, Fósforo, Enxofre, entre outros.

Além disso, esse planeta precisa de uma série de condições e relativa estabilidade de seus sistemas para que haja condições de a vida ali se estabelecer, prosperar e “evoluir” até as chamadas formas de vida complexa e dessas, por sua vez, se desenvolverem até formas ditas inteligentes. Assim, um sistema planetário precisa características específicas, raras e muito particulares para o desenvolvimento de seres ditos conscientes e “inteligentes”.

No nosso sistema solar, que provavelmente nasceu do fim de uma supernova e, por sua vez, em específico na Terra, o planeta precisou evoluir por mais de cerca de 4,5 bilhões de anos, em mudanças constantes, para que a vida chegasse ao ponto em que surgiu o gênero homo e esse desenvolveu suas habilidades e sociedades, até chegar ao chamado homem moderno.

Repito, isso tudo ocorreu respeitando as regras que já citei, demonstrando um equilíbrio entre o terreno e o espiritual. Porém, também sendo repetitivo, havia sim algum tipo de tutela por essa consciência universal, presente em todos os cantos do universo, a quem eu, humildemente, quero entender como a “Lei”, força que rege hoje a Umbanda Antiga (ou Umbanda Branca) e também tantas outras formas de espiritualidade ou demonstrações de fé.

Outro ponto é o de que devemos ter em mente é o de que Deus, nosso Pai Oxalá, é muito complexo para que nós consigamos alcançar o

seu real significado. Ou seja, somos ainda muito pequenos para entender o que/quem realmente ele é.

Me perdoem essa polêmica e repito que não precisam concordar com a minha opinião. Acredito plenamente em um Deus maior, mas não o vejo como um senhor de tez branca, olhos claros, imensa barba branca, adornado por longos cabelos brancos que, sentado em seu trono, decide o destino das pessoas e das coisas com um gesto, ou mesmo um estalar de dedos.

Mais uma polêmica, acredito ainda que a força maior a que muitos chamam de Deus, ou Pai-Maior, Oxalá ou outros nomes, na realidade, se gênero tivesse, seria uma mãe, pois é uma força criadora e amorosa, plena de perdão.

12.2 - Pais-Velhos

Quando a humanidade já tinha milênios de história. Após muitas guerras, muitos conflitos, a espiritualidade superior organizou espíritos para acolher os chamados humanos modernos em um novo continente que despontava: as Américas.

Na América do Sul, no Brasil em específico, que já era povoado por milhões de pessoas antes da sua “descoberta”. Assim esses espíritos demandados pela espiritualidade superior começaram uma nova convivência com a espiritualidade já presente com esses povos nativos e com as energias elementais desse país continente.

A colonização, com inúmeros conflitos, foi feita ao longo dos séculos seguintes, com desterrados, filhos bastardos e aventureiros em busca de fortuna, exilados, escravizados, migrantes cheios de esperança, fugindo de guerras ou em busca de uma melhor vida para si e para os seus. Uma história de muita luta, conquistas, alegria, dor e sofrimento de muita gente brava que ajudou a construir o Brasil.

Os espíritos mentores e as almas daqueles que aqui desencarnaram foram acumulando conhecimento e atuando no auxílio da evolução do povo daqui.

Os escravizados chegaram aqui com sua rica cultura, crenças e rituais, encontraram aqui os ritos e culturas dos indígenas nativos e dos imigrados, unindo-se então os ritos e crenças daqui com os de fora.

Nesse contexto, havia um certo tipo de entidade que se destacava pelo seu amor, humildade e carinho com os encarnados.

Inicialmente eram chamados de Mães-Velhas e Pais-Velhos por essa oferta de amor incondicional aos consulentes. Esses nomes evoluíram para Pretas-Velhas e Pretos-Velhos. Lembre-se que de há relatos de escravizados que já conversavam com Mães e Pais Velhos ou ainda mesmo com seus antepassados desde a antiguidade.

12.3 - Dói, dói muito

Sobre o nosso sofrimento: não é nada fácil o que direi agora, mas é um ponto real que deve ser considerado. Podemos sentir dor, até mesmo mágoa, sem, contudo, sofrer. As dores pelas quais passamos são

inerentes do aprendizado que precisamos, pois errar e responder por esses erros faz parte do nosso aprendizado. Além do fato de que a convivência entre nossos irmãos não é fácil e, via de regra, pode ser conflituosa.

Porém alimentar a mágoa só prejudica à nós mesmos. Nos afunda cada vez mais no precipício criado pelos que nos perseguem. Superar essas mágoas é imperativo para nosso bem-estar e perdoar a si mesmo e aos outros é um passo positivo em nossa própria libertação das amarras que, muitas vezes, nos mesmos criamos e assim, também um passo na nossa própria evolução.

Muitos de nós temos o péssimo hábito de comemorarmos as alegrias e conquistas por pouco tempo, mas sofrer pelas agruras ou derrotas por longos tempos.

Além disso, as saudades que sentimos devem sempre nos trazer as alegrias do que passamos e não as tristezas.

As dificuldades que passamos em nossas vidas deveriam nos servir de lição e temos de aprender a buscar sempre o lado positivo de tudo o que nos acontece e confiar na espiritualidade como nosso guia.

Deveria também servir como consolo e alegria a lembrança de que algum momento dos ciclos de vida, morte e reencarnação, nos reencontraremos com nossos entes queridos.

12.4 - No Brasil

Os povos escravizados na África e trazidos para o Brasil trouxeram consigo seus conhecimentos, cultura, suas crenças e, entre elas, seus Orixás e o culto aos seus antepassados.

Na África existem centenas de Orixás e esse número varia de nação para nação. No Brasil, com o tempo, esse número foi sendo reduzido e algumas nações de Candomblé cultuam um número variado de Orixás, conforme seus ritos, 16, 18 ou 20 orixás, ou mesmo ainda outros totais.

Note que uma das diferenças para entidades tradicionais de Umbanda, é a de que um Orixá não incorpora verdadeiramente, ele manipula seu médium como um fantoche ou marionete. Na prática, a diferença se observa principalmente na relação entre a entidade presente, o médium e os consulentes ou a audiência.

Mais um elemento a ser acrescentado neste relato, em um dos momentos de nossa história, para poder manifestar seu credo, Orixás foram sincretizados com os santos católicos pelo povo do Candomblé no Brasil para que pudessem ser cultuados. Ogum virou São Jorge ou Santo Antonio, as diferentes Oxum em diferentes Nossas Senhoras; Iansã se tornou Santa Bárbara, Xangô se tornou São Jerônimo, Oxóssi em São Sebastião e assim por diante.

Em terras brasileiras, ainda no período da escravidão, durante os rituais de matriz afro, em meio a Orixás e outras entidades, em um contexto que originou os ritos brasileiros, que além da influência afro, havia também grande contribuição indígena e de imigrados, começou

assim a surgir as raízes do que se tornou a Umbanda, que muito se diversificou desde então.

Esse tema daria um livro maior do que esse, mas as religiões de origem Afro vão além de Umbanda e Candomblé (no qual podem se destacar três grandes raízes: Bantu ou de Angola, Jeji, Ketu ou Nagô), mas existem tantas outras (Batuque, Quimbanda, Jarê e outras). Além da importância da contribuição indígena (Toré, Pajelança, Xamanismo e outros). Dentre os ritos mencionados acima há comumente a miscigenação de ritos de origem afro com aqueles indígenas. Em muitas dessas manifestações, os médiuns incorporavam seus ancestrais.

Todas essas são manifestações religiosas que não surgiram ao mesmo tempo. O Brasil acumula quatro séculos de escravidão.

Desde o seu surgimento, nos seus primórdios, nos rituais da então Macumba (o significado da palavra macumba é ritual, mas há alusões ao nome de uma planta e há um instrumento musical com esse nome), sofreu preconceitos e perseguições. Esses rituais ganharam força nesses tempos logo após o final da escravatura.

É forte e nítida a influência dos ritos indígenas e dos antigos escravizados na Umbanda, embora não houvessem as entidades de Umbanda no Candomblé, em algumas matrizes afro os médiuns incorporavam seus ancestrais. Assim a Umbanda traz todos esses elementos.

Assim, no Brasil, com o surgimento da Umbanda, nas suas diferentes variações, os médiuns começaram a incorporar entidades

diferentes dos Orixás tradicionais, vieram Caboclos, Pretos-Velhos, Marinheiros, Cosminhos, Ciganos e tantas outras entidades, numa relação estreita com os consulentes ou a audiência.

O termo espiritismo surgiu, inicialmente, como contraposição ao materialismo. Com o tempo estabeleceu-se relação mais estreita do termo espiritismo com o Kardecismo, que tem suas raízes na Europa.

Desse modo, no Brasil, pode se considerar, de maneira muito resumida, que teríamos então três grandes matrizes: O espiritismo Kardecista, o Candomblé e a Umbanda. Em tese com muitos ideais em comum. Nem sempre é fácil caracterizar com qual dessas três grandes matrizes um determinado local se filia e, não raramente, há locais com práticas dessas três raízes simultaneamente, sem que isso signifique problema algum.

A Umbanda Antiga não é obrigatoriamente uma religião, embora muitos a tenham como tal e como tal pode ser sim assumida. A Umbanda, em geral, aceita plenamente que membros de outras religiões assistam suas reuniões, bem como aqueles que a praticam podem participar de cultos, reuniões e afins em outras religiões ou doutrinas.

12.5 - Ensinaamentos de Pretos-Velhos

Não somos nós mesmos que nos definimos, ou poderíamos nos definir, como humildes. São os outros que podem, ou não, reconhecer em nós essa qualidade.

A humildade e a caridade não são marchas desenfreadas pela vitória, não são conquistadas pela nossa vontade ou palavras, são praticadas e são verdadeiras se são sinceras e desinteressadas. Da mesma forma, o amor.

A sua velhice ou a idade avançada podem ser vistas por alguns como uma fragilidade. Isso, porém, disfarça a real natureza de um Preto-Velho. Essa roupagem não é para iludir ou enganar a audiência, mas sim para aproximá-la. Para, em qualquer modo, não causar medo ou algum tipo de receio e conseguir, assim, ganhar a confiança da audiência. Além de lembrar da experiência de vida, sabedoria e conhecimento dos mais velhos.

Uma Mãe-Velha ou um Pai-Velho, Pretos-Velhos, sempre terão empatia, compaixão e uma mensagem de amor.

Outra coisa interessante. Há tempos ouço a pergunta: Onde reside a consciência humana? Parece uma pergunta simples, mas a resposta não é. Se admitirmos que é o nosso cérebro e o corpo físico a responderem à consciência e não o contrário e também que essa consciência não está presa em nós, fica então mais fácil se entender o

conceito de que mesmo com nossa morte, nossa consciência não se perde, estando, de fato atrelada ao nosso espírito, esse imortal.

E ainda mais um aspecto. É muito importante termos nosso anjo da guarda firme, fortalecido. Uma das maneiras de fazer isso é com vela(s) e orações ao nosso anjo da guarda.

Repetindo algo já dito nesse livro: uma vela se apaga, mas a sua luz nunca. Fácil de notar isso quando olhamos para o céu em uma noite estrelada. Muitas das estrelas que lá vemos à noite já morreram há milhões ou até mesmo bilhões de anos e sua luz continua lá.

Porém, sempre, sempre mesmo, temos de deixar bem claro à quem e ao que se presta a vela que acendemos.

Vivemos em um ambiente de forte antagonismo das forças do bem e do mal. Devemos respeitar o Mal, sem, contudo, temê-lo. Se simbolizar o mal na figura de um Diabo, temos de lembrar que é Deus o criador e esse dito-cujo é criação desse mesmo Deus e, portanto, se torna claro quem tem maior poder e prevalecerá sempre.

12.6 - Fecham-se os parênteses

Tenham claro:

Sós, sem nossos irmãos, não somos ninguém, nada.

Devemos praticar a caridade com o próximo.

Para todos os nossos irmãos: que aprendamos cada vez mais carregar nossos corações de amor.

Devemos acolher e escutar. Ajudar como pudermos, mas ajudar sempre.

Bem como a Umbanda não é o único caminho para a evolução espiritual.

Mas fora da caridade, em qualquer das suas expressões, o caminho é ainda mais longo e árduo

Que as falanges dos Pretos-Velhos vos abençoem e que Nosso Pai maior abençoe a todos nós.

Se você precisar, é só chamar, que o Preto-Velho vem lhe ajudar.

Salve!

Capítulo 13 - Relato de Pai Estevão

(Quem aqui narra, é Pai Estevão)

Me chamo Estevão, designado como um Preto-Velho pela espiritualidade superior. Essa afirmação, nesse modo, uma designação, pode trazer alguma estranheza ao leitor, mas eu ainda trabalho essa designação comigo mesmo. Vou tentar esclarecer isso ao longo desse humilde texto.

A origem do nome Estevão faz alusão à conquista, vitória, no meu caso sobre as trevas, de quem, no passado, também fui um seguidor e um instrumento ativo.

O Senhor Umulu insistiu em meu relato aqui em seu livro. Humildemente espero que possa ajudar aos leitores.

Ao invés de traçar minha trajetória em maiores detalhes sobre o período das trevas em que me encontrava, prefiro tratar de um mal que assola tantos de nossos irmãos: a depressão.

Resumidamente, quando em serviço das forças do mal, eu explorava a depressão e suas consequências visando que o obsidiado cometesse suicídio. Infelizmente eu era muito bom nisso, um expoente Mago Negro, atacando a saúde física e emocional dos encarnados em diferentes modos e níveis. Como o exemplo já dado nesse livro, o meu resgate também veio de um imenso arrependimento ao qual, confesso, não sei se superei ainda. Desde essa oportunidade de redenção

trabalhei intensa e incansavelmente no resgate e compensação de todos a quem prejudiquei, repito, todos, sem exceção.

Fato é que ainda me incomoda a designação de “Preto-Velho”, da qual não me julgo merecedor. Meu mentor, Pai João de Angola, com sua imensa bondade e sabedoria, chega a ralhar comigo por isso: “és um Preto-Velho, nosso amado irmão” diz ele, o que me emociona profundamente, pois admiro imensamente nossos pais velhos,

Mas vamos em frente, ao atuar com as Mães e os Pais velhos que me acolheram tão amorosamente e que me permitem auxiliá-los, aprendo muito e posso ser um instrumento em prol da recuperação dos encarnados que se sentem tristes ou deprimidos e como consequência de tais sentimentos acabando doentes física e espiritualmente. Tenho, humildemente, contribuído com meu conhecimento de como atos espirituais podem agir sobre os corpos físicos, sempre focado na cura. Continuo estudando e aprendendo, mas, sincera e profundamente, me considero um singelo aprendiz, mais do que qualquer outra coisa.

Não vou ser repetitivo sobre outros aspectos sobre depressão ou suicídio já apresentados nesse livro e com os quais concordo plenamente. Um suicídio está muito longe de ser solução para qualquer quadro, muito pelo contrário.

Quando temos uma alegria, uma conquista, nosso corpo produz hormônios que nos dão a sensação de alegria e de saciedade (dopamina, serotonina, entre outros). A priori atuam no nosso cérebro, pois são neurotransmissores, mas na prática inundam todo o nosso corpo

através da circulação sanguínea, auxiliando então outros órgãos e sistemas do corpo humano. A alegria e a sensação de conquista trazem boas consequências ao nosso coração, aos nossos rins, ao sistema digestivo e assim por diante atingindo todo o corpo físico. A presença desses hormônios faz bem fisicamente para a nossa saúde.

Creio mesmo que a maioria dos leitores tenha noção de que a adrenalina ou epinefrina é outro hormônio neurotransmissor que causa resposta intensa e imediata sobre nosso corpo físico.

Assim bons sentimentos, embora emoções ditas abstratas, têm sim consequências físicas diretas e verdadeiras sobre todo o corpo material. Em um forte elo de conexão entre nosso espírito e nosso corpo físico.

Da mesma forma, um estado de espírito negativo vai abalar o corpo físico na mesma proporção, negativamente.

Obsidiar alguém lhe entristecendo, diminuindo-o e deprimindo-o, terá consequências mentais, emocionais, mas também físicas e, enfraquecendo o obsidiado, conduzindo-o ao desejo de se matar para se libertar. Saliento aqui, como dito anteriormente, não é esse o caminho da solução aos problemas apresentados. Mas deve-se ter claro que o obsidiado não tem força física nem disposição emocional para resistir.

Os ataques obsessivos são constantes e ininterruptos e quanto mais fraca a pessoa se torna, mais intensos esses ataques acabam se tornando.

Reverter um quadro depressivo não é simples, nem fácil. A pessoa sob ataque tem de passar por uma reforma íntima, reavaliar seus valores e mesmo reaprender muitas coisas, como amar a si mesmo, por exemplo. Fácil de mencionar, mas difícil de executar. Sair do abismo imposto por uma depressão é muito mais difícil e complexo do que entrar nele.

Apoiarmos nossos irmãos imersos nesse quadro negativo é muito importante para a sua recuperação.

Aprender a amar o próximo e a si mesmo não são coisas simples e fáceis, mas ter sempre fé e bondade são instrumentos eficazes de enchermos nossos corações com amor.

Com fé em nosso criador e plenos amor nos nossos corações, venceremos todas as adversidades que a vida e o convívio com nossos irmãos, certamente, nos trarão.

Acreditem plenamente que os passes, suas firmezas, descarregos e a água fluidizada nos trabalhos pode sim fornecer e ajudar na cura de muitas doenças físicas.



Capítulo 14 - Encerramento

Pense nesse relato como minha autobiografia. Não sou dono da verdade e como já disse antes, tenho muito para aprender. Posso estar aqui cometendo várias imprecisões, mas conto a história como eu a lembro, dentro de minhas próprias limitações.

Nada do que relato aqui deve ser levado à ferro e fogo. Este livro deve ser visto como uma obra de ficção.

Como também vimos nesse livro, não sou um privilegiado, não sou um ser “especial”, um escolhido, nem melhor do que ninguém. Sem falsa-modéstia, me considero mesmo um “Zé-Ninguém”. A espiritualidade superior, instrumento de nosso Pai maior, me concedeu uma oportunidade, do mesmo tipo que é dada à tantos, todos os dias! Deus é amor incondicional e perdão. Aprendamos com isso.

Assim quero terminar essa história lembrando a vocês e a mim mesmo de que não sei de tudo. Ainda aprendo muito interagindo com encarnados e outras entidades.

Ninguém sabe tanto que não tenha nada ainda para aprender e ninguém sabe tão pouco que não tenha algo para ensinar.

Agradeço imensamente o tempo que vocês dispensaram nessa leitura. Espero que possa ajudá-los em algum modo. Se eu não trouxe nenhuma novidade, espero que tenha valido a intenção.

Que as falanges dos Exus vos acompanhem sempre.

Salve!

O oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença.

Saravá!



Em "Um Exu do Brasil", somos conduzidos por uma narrativa emocionante e esclarecedora sobre a trajetória de uma entidade da Umbanda. Este livro relata a transformação de Exu Umulu, desde um período de ilusões até sua elevação como um poderoso trabalhador da luz. Ao longo de cada capítulo, conhecemos a vida de Umulu, sua interação com outras entidades da Umbanda, e a seriedade, força e luz de seus trabalhos, desfazendo preconceitos antigos. Contrariando a visão equivocada de que Exu representa forças maléficas, esta obra revela a verdade por trás dessas entidades, destacando seu papel fundamental na Umbanda como acolhedoras e amorosas, oferecendo alívio para as dores da alma. O protagonista, Exu Umulu, conhecido também como Seu Zé, compartilha suas experiências e sabedoria de forma direta e acessível, proporcionando ensinamentos valiosos aos leitores. Para facilitar a compreensão, o livro inclui notas explicativas após cada capítulo, evitando interrupções no fluxo da leitura. Não se trata de um texto técnico, mas sim de uma história envolvente sobre a jornada de Exu Umulu.

Essa segunda edição traz revisões no texto, novas notas explicativas e todo um novo capítulo, muito rico em ensinamentos, escrito por um amoroso Preto-Velho, Pai João de Angola. Além desse um novo relato do Exu das Sete Encruzilhadas. A primeira edição tinha 72 páginas e a presente edição tem mais de 100 páginas.

Prepare-se para uma leitura transformadora e enriquecedora, que desafiará suas percepções e lhe proporcionará uma profunda viagem evolutiva nessa obra de ficção espírita.

